

marcos carvalho lopes

Engenheiros do Hawaii:

da engrenagem à mandala

-versão preliminar-

Engenheiros do Hawaii:

da engrenagem à mandala
-versão preliminar-

foguetinho



produções

Introdução : vertigens como horizonte	5
A filosofia e o desafio da realidade	11
A utopia socialista e a resposta cética: o anarquismo	14
<i>Somos quem podemos ser, sonhos que podemos ter</i>	18
Tédio, TV e democracia	24
Despotismo Esclarecido na <i>Hora do Mergulho</i>	28
<i>Freud Flintstone</i> e os deuses da propriedade privada	30
<i>Novos Horizontes</i> dos Engenheiros do Hawaii	35
Dar sentido p'ra existência: um esporte (extremamente) radical	38
Luz, onde estão teus olhos	43
Tá legal, eu tô ligado! O Paradoxo de Marta e outras interrogações	48
Quando as armas químicas não estão lá... quando os poemas nos enganam	51
<i>Faz de conta</i> que o mundo não está ficando <i>Cinza</i>	57
Da engrenagem à mandala	68
Discografia dos Engenheiros do Hawaii	72
Sites Enghaw	83
Comunidades Enghaw no Orkut	84
Cruzando linhas: perfeita simetria e absurdo	85

Sei que este trabalho é bem cambaleante e talvez não mereça ter uma dedicatória ou coisa assim, mas cada um oferece o que tem... vale lembrar que estes textos não seriam concebidos se não partissem de minha vontade de tentar olhar para as letras dos Engenheiros do Hawaii com o cuidado e atenção que meu irmão (verdadeiro engenheiro) me ensinou. Entram outros estrangeiros nessa busca por ilhas desconhecidas: o jornalista Paulo Galvez, o físico tricolor-carioca Renato Borges Pontes, a jornalista Karen Terossi, a amiga Gláucia Quênia “Pires”, minhas ex-alunas(os)...

Talvez violão, conversas existencialistas, silêncios compartilhados, pisca a janela do MSN, cereais fermentados de manhã, absurdas náuseas e rompantes: amizade, nostalgia infantil de juntar tudo numa coisa só. Os livros que a gente leu, as músicas que a gente ouviu e a vida que a gente inventa. No meio de tudo, tem Engenheiros do Hawaii (no MP4).

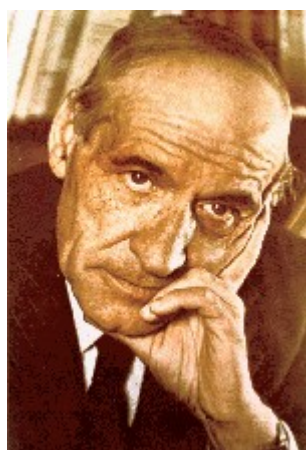
Introdução: vertigens como horizonte

O que é este trabalho? Para que e para quem ele é útil? Qual a sua pretensão? Nesta introdução tentarei dar alguma resposta para essas perguntas, mas, de modo rápido posso dizer que esse trabalho pretende abordar temáticas filosóficas tomando por referências algumas letras de canções da banda Engenheiros do Hawaii (letras de Humberto Gesinger). Considero que ele é útil como material didático, para quem quer se aproximar de algumas temáticas filosóficas a partir dos signos de nosso tempo e para quem é fã dessa banda.

No início do curso de filosofia, fiz um trabalho sobre Ortega y Gasset em que relatei o pensamento sociológico desse autor em *O homem e o mundo* de Rubem Fonseca. Nele falei de uma canção dos Engenheiros do Hawaii que citava o filósofo espanhol e, para mim, trazia uma boa imagem de seu pensamento sociológico. Para Ortega y Gasset o homem sempre vive em determinadas circunstâncias, contudo, essas não determinam totalmente sua identidade e nem retiram sua responsabilidade. A frase mais famosa de Ortega y Gasset diz: “eu sou eu e minhas circunstâncias, se não me salvo a elas, não me salvo a mim mesmo”. Quem se deixa simplesmente levar pela correnteza, abandona seu eu e se torna circunstância: essa indiferença é para o filósofo espanhol a porta de entrada

do fascismo. Na letra de *Humano Demais*, Humberto Gessinger dizia a certa altura: “agora somos só nos dois: eu e minhas circunstâncias/ sempre foi só nos dois: eu e minhas circunstâncias/ eu e eu e eu e eu e eu e eu...”. O que Ortega y Gasset queria era não dissolver a responsabilidade individual em justificações coletivas (falava em liberalismo não individualista). Uma canção dos Engenheiros do Hawaii me ajudou a pensar sobre esse assunto.

Outra coisa que acho importante falar sobre Ortega y Gasset é que sua frase apareceu num livro estranho chamado *Meditações sobre o Quixote*. É como se nessa obra, passeando pelas ruas de Madrid o jovem Ortega y Gasset procurasse caminhos para fazer filosofia: as circunstâncias



O filósofo espanhol Jose Ortega y Gasset

espanholas, a ausência de uma tradição anterior, não seriam desculpas para ele deixar de pensar filosoficamente. Era necessário *salvar* as aparências, pesar suas circunstâncias. Considerando as semelhanças entre o contexto de Ortega y Gasset na Espanha do início do século XX e o Brasil atual, cheguei a considerar a possibilidade de escrever algo como *Meditações sobre o Casmurro*, mas só o título veio... a idéia era falar do ressentimento e dos ataques *ad hominem* que impedem um maior desenvolvimento da filosofia em nosso país. Quem tenta pensar a partir de suas circunstâncias e considerado frívolo e recriminado por suas idiossincrasia.

Essa experiência de tentar juntar linguagens e mixar cultura continuou me fascinando, mas dentro da universidade não tive espaço para exercitar esse tipo de perspectiva.

Quando comecei a dar aulas, sete anos atrás, percebi o quanto o discurso filosófico carecia de conexões com a realidade dos alunos.

Considerarei até mesmo que, se era para cair no vazio de um discurso estéril, talvez fosse melhor continuar com a velha Educação Moral e Cívica... Bobagem: se nada faz sentido, o melhor é arregaçar as mangas. No caso de quem saiu da faculdade com pouco preparo e encontra condições de subemprego, é bom tentar se inventar como professor e continuar estudando. Para “se inventar como professor” é preciso se arriscar, assumir a primeira pessoa que traz junto a responsabilidade: se na faculdade nunca te deram voz, na sala de aula *você* é quem deve promover o diálogo... ou repetir o padrão de desconversação que é o mais comum.

Quando falo em “promover o diálogo”, não estou dizendo que não devem existir conteúdos que norteiem o trabalho; diálogo sem direção não produz resultados (e os próprios alunos são os primeiros a perceberem isso). Empolgam-se com a possibilidade de ter voz e exercem a retórica do “quem fala mais alto vence”. O professor nesses casos pode usar óculos escuros e sentar-se no fundo da sala. No fim do ano os alunos dirão que tiveram aulas legais, mas que não aprenderam nada.... E não aprenderam mesmo. Não sei se é possível equilibrar bem a questão do diálogo com a importância dos conteúdos. Acho que na faculdade os alunos devem ser orientados e desenvolver sua posição individual (para serem bons professores, profissionais dinâmicos, pesquisadores etc.) e, no ensino médio, o professor *deve* oferecer os conteúdos básicos para que o aluno possa seguir os seus objetivos (que podem incluir entrar em uma universidade). Se esses conteúdos puderem ser contextualizados e assim integrados na vida dos alunos, muito melhor.¹

¹Na prova de vestibular da Universidade Federal de Uberlândia, como conteúdo programático da prova de filosofia, exige-se que o aluno conheça as “cinco vias para provar a existência de Deus, desenvolvidas por Santo Anselmo”. Infelizmente não consigo contextualizar esse conteúdo e não entendo sua relevância na formação dos alunos... mas, se meu aluno quiser prestar vestibular na UFU? É minha responsabilidade tentar ensinar essas cinco vias para provar a existência do sagrado. Acho que seria melhor que os conteúdos não fossem esses... mas não vivo em um mundo ideal. Posso criticar essa necessidade

Nos textos que coloquei aqui, tento abordar conteúdos de filosofia e história através de canções. Alguns são antigos planos de aula, outros são reflexões sobre a própria filosofia e este mesmo trabalho de pensá-la por meio de signos do nosso tempo. Todos fazem referência a alguma letra da banda gaúcha Engenheiros do Hawaii. Na verdade, é melhor dizer que todos fazem referência a letras de canções escritas por Humberto Gessinger.

Esses textos não têm a pretensão de determinar os que as letras dizem “na realidade”, nem pretendem seguir a intenção do autor, mas sim, utilizar as canções para multiplicar referências e pensar alguns temas. Na verdade, acho que, nos textos mais antigos eu pensava mesmo que estava desvendando algo pro-fundo (li muito Martin Heidegger na faculdade), mas, aos poucos, deixei de lado esse fetiche: deveria deixar claro que fazia *uma leitura* e não poria fim ao diálogo. Queria era começar um com meus alunos. A repercussão às vezes demorava, mas era engraçada: numa das primeiras vezes que utilizei músicas em aulas de história, a canção *Freud Flintstone*, a princípio os alunos me pareceram passivos... Na semana seguinte, indo para sala de aula, encontrei um grupo perfilado, que me vendo começou a cantar “faça uma prece pra Freud Flintstone...”. Ainda bem que na parte onde a canção fala em “queimá-lo vivo” já estava longe...

A letra de *Freud Flintstone* fala de alguém/algo que é venerado, colocado em um altar, para, a seguir, ser execrado e destruído. O caminho de identificação fácil que a música pode produzir potencializa riscos que estão presentes em qualquer processo de ensino: de que uma identificação inicial se torne aversão. É necessário que o professor esteja alerta para não se deixar seduzir por este canto de sereia, caso contrário, tanto ele como seus alunos serão vítimas. As canções são um estímulo, mas não existe aprendizado sem esforço e dedicação. Podem servir para começar um

diálogo e conseguir uma abertura para a aprendizagem, mas *não são o seu fim*.

O texto que serviu de nome para essa maçaroca, *Da Engrenagem à mandala* é uma tentativa de construir uma espécie de panorama da trajetória dos Engenheiros do Hawaii.² Acredito que essa tentativa acabou se mostrando falha e me fez sentir a necessidade de desenvolver um trabalho mais extenso, em que colocaria a prova e esclareceria o que nesse texto aparece como vaga intuição. No entanto, isso demora algum tempo, pesquisa³, leitura, café e insônia...

O filósofo alemão Karl Jaspers dizia que filosofar é estar-à-caminho... o horizonte final é o que menos importa, existe alegria em caminhar e errar. Esta highway nos trouxe até este ponto, mas sempre será preciso seguir... Por enquanto, estão estes textos aqui; se servirem para um professor desenvolver uma aula, ou alguém se interessar por novas perguntas, estarão plenamente justificados. Inté.

Marcos Carvalho Lopes (marcosclopes@gmail.com)
Jataí, 16 de Agosto de 2007

PS: Não mexi “quase nada” nos textos (mesmo quando pensei que eles não correspondiam mais ao que escreveria hoje). Estão como uma coleção de instantâneos e espero depois ampliá-la... Como sempre, obra em progresso... já me alertaram sobre minha tendência academicista de empilhar citações, o que faz com que os leitores tenham dificuldades em saber exatamente o que estou querendo dizer. Isso é realmente

²Escrevi na véspera do show que a banda fez aqui em Jataí: foi o primeiro e único show deles que assisti. Para fazer um relato bem parcial e exageradamente exagerado: foi aqui que começou o projeto *Novos Horizontes*. É que, conversando com outros fãs, fiquei sabendo que o empresário da banda tinha proposto para o show inovações técnicas: Gessinger subiria no piano e esse seria elevado. Uma engenhoca o faria rodar. Parece que Herr Gessinger não gostou deste negócio e no ensaio renegou a idéia: “nesse troço eu não subo”. O show não trouxe surpresas, foi o do script literalmente. Não me decepcionei, mas... depois de uma pequena pausa, de férias, a banda voltou com arranjos reformulados, novos instrumentos e outras canções. *Novos Horizontes*.

³Estou atrás de entrevistas dos Engenheiros do hawaii. Quem tiver algum material desse tipo e puder me disponibilizar, agradeço...

um problema quando não estou na sala de aula p'ra tentar com o diálogo ser mais claro ou descobrir falhas... então se tiverem críticas me avisem: p'ra tentar melhorar. Vale lembrar que existem muitos textos para serem feitos: diversas outras músicas dos Engenheiros podem ser usadas para desenvolver planos de aula: como *Muros & Grades* para falar de Foucault, *Infinita Highway* para falar da geração beat, existencialismo etc...



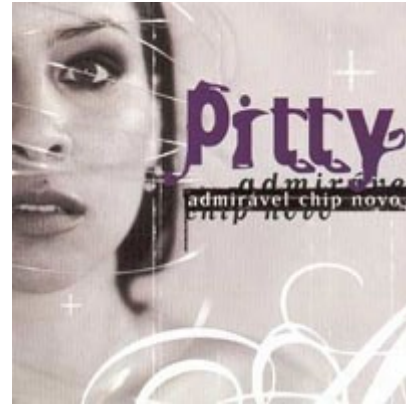
Os Engenheiros do Hawaii hoje: Pedro Augusto (piano, órgão), Humberto Gessinger (voz, violão, viola caipira, gaita etc), Gláucio Ayala (bateria e vocais); sentados estão Bernardo Fonseca (baixo) e Fernando Aranha (violão).

A filosofia e o desafio da realidade

Qual seria a medida para o desafio de ensinar filosofia no ensino médio noturno, num colégio em que você vê um aluno que, por ter comprado livros didáticos (de português e de matemática) é criticado pelos colegas de sala por ter “gasto dinheiro à toa”? Criticas essas que não advêm de nenhuma ignorância, mas do instinto de sobrevivência de quem recebe salário-mínimo; de quem trabalha o dia todo e à noite vai à escola sem a ilusão de encontrar ali um instrumento de emancipação. Some-se a isso, um contexto educacional em que, para fazer jus as estatísticas, confunde-se quantidade com qualidade: as escolas devem atender a maior quantidade possível de alunos, oferecendo para eles “ensino”, o que, do ponto de vista da administração (a que as escolas estão submetidas, dentro da lógica capitalista de buscar sempre o lucro), significa aprovação. O quadro fica completo com a inclusão de alguns alunos que são analfabetos funcionais, vítimas (ou frutos) de programas de aceleração de ensino falhos.

A filosofia, que nasce do ócio, deve perder nesse contexto todo o seu ranço aristocrático-platônico e abrir-se para o diálogo. O máximo que podemos pedir da filosofia é isso: abertura para a realidade, ou seja, para falar sobre os problemas enfrentados pelos alunos, para incluir temas que os toquem. Se hoje vivemos governados por imagens, pela mídia e seus “ídolos”, acho que esse é o caminho que devemos tomar para começar a filosofar com nossos alunos. Por isso, escolhi como um grande aliado para esse trabalho a música, partindo de letras que incluem temáticas filosóficas. A tentativa é surpreender os alunos, mostrando que naquilo que lhes toca esteticamente existem reflexões que, na maioria das vezes passa despercebida.

Por exemplo: a cantora baiana Pitty, há pouco tempo, lançou uma música chamada Lobo, que no refrão repete a frase de Thomas Hobbes “*o homem é o lobo do homem*”. Por que Pitty diz isso? Que relação tem a música com a teoria de Hobbes? Que sentido a teoria de Hobbes pode ter no mundo atual? Podemos partir da música para apresentar uma teoria política complexa (e, mesmo, para mostrar até que ponto o artista se afasta do autor que “usa”).



Capa do primeiro álbum da cantora baiana Pitty. Seu nome, admirável chip novo, faz alusão ao livro de Aldous Huxley (1894-1963) Admirável mundo novo. A tentativa de pensar o lugar do homem em sua relação com o universo tecnológico marcou este seu primeiro trabalho.

Não se trata de um exemplo isolado. É uma característica de diversas bandas do chamado rock nacional, tentar articular um discurso coerente partindo de referências filosóficas. É claro, não se trata de “filosofia pura”, mas de citações filosóficas que podem servir de instrumento para aguçar a curiosidade dos alunos para a filosofia. Não devemos ter medo de ferir a sacralidade da filosofia partindo de músicas, cinema, novela, etc. Se a filosofia nasce do ócio, esse é o caminho para pensar nossa realidade. Ou teremos que nos render as palavras de Caetano Veloso, que nos anos 80 provocava os pensadores tupiniquins dizendo que, “*se você tem uma idéia incrível, melhor fazer uma canção/já está provado que só é possível filosofar em alemão*”.

Nesse caminho, devo lembrar de dois riscos que devemos estar dispostos a enfrentar. O primeiro, pode ser ilustrado por uma música dos Engenheiros do Hawaii chamada **Fusão a Frio** que diz: “*ninguém sabe como serão os filhos desse casamento/ indústria da informação + indústria do entretenimento, / Promessas de fusão a frio, diversão e conhecimento, / a única escolha que temos é a forma de pagamento*”. Ou seja, o risco é transformar a filosofia em mais um “produto”, em mais uma imagem: não

podemos esquecer que estamos tentando usar a música para filosofar, e não o contrário. Precisamos então ter claro qual é o nosso objetivo e, se pudermos alcançá-lo combinando diversão e conhecimento, tanto melhor.

O segundo risco é o de fracassar. Podemos preparar uma aula que consideramos muito boa e, no entanto, fracassar. Como na filosofia não temos “conteúdos fechados”, o professor está sempre em jogo, e, por isto mesmo, não deve ter medo de errar. Em certo sentido errar é essencial: é estar à caminho, é arriscar-se e estar aberto para também acertar. A filosofia exige que se assuma esse risco, que se torna menor na medida em que cada professor consegue aperfeiçoar seu próprio método.

O Brasil começa a se acostumar com a democracia e também desperta para a idéia de que precisa se reinventar enquanto sociedade também democrática: a Ditadura não veio de Marte, nem a corrupção, nem a desigualdade social etc. A cultura deve ser questionada caso se queira criar alternativas e caminhos de transformação. Não acredito que a filosofia, tomada como produto de erudição ou como questionamento escapista, possa contribuir para a democracia. O desafio do diálogo com a realidade é algo de que a filosofia não pode se furtar

A Utopia socialista e a resposta cética: o Anarquismo

Este texto foi preparado para uma aula no ensino médio como princípio de debate. Tinha alguns alunos punks e o símbolo do anarquismo vivia aparecendo no quadro, nos cadernos, em suas roupas, nos murros etc. Achei que essa canção dos Engenheiros do Hawaii seria um bom princípio para dialogar.



toda forma de poder (Humberto Gessinger)

*Eu presto atenção no que eles dizem
Mas eles não dizem nada
Fidel e Pinochet tiram sarro de você
Que não faz nada
E eu começo a achar normal que algum boçal
Atire bombas na embaixada*

*Se tudo passa, talvez você passe por aqui
E me faça esquecer tudo que eu vi
Se tudo passa, talvez você passe por aqui
E me faça esquecer*

*Toda forma de poder
E uma forma de morrer por nada
Toda forma de conduta
Se transforma numa luta armada
A história se repete
Mas a força deixa a estória mal contada*

*Se tudo passa, talvez você passe por aqui
E me faça esquecer tudo que eu vi
Se tudo passa, talvez você passe por aqui
E me faça esquecer*

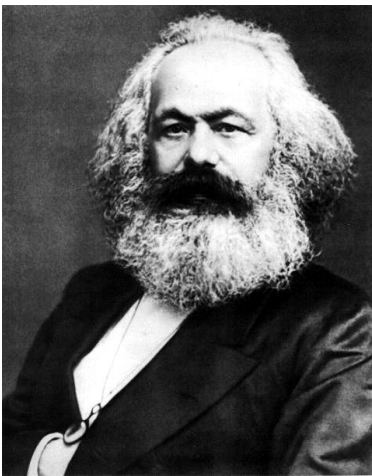
*O fascismo é fascinante
Deixa a gente ignorante fascinada
E tão fácil ir adiante
E esquecer que a coisa toda está errada
Eu presto atenção no que eles dizem
Mas eles não dizem nada*

*Se tudo passa, talvez você passe por aqui
E me faça esquecer tudo que eu vi
Se tudo passa, talvez você passe por aqui
E me faça esquecer...*

“Qualquer pessoa que tenha lido a história da humanidade aprendeu que a desobediência é a virtude original do homem.” Oscar Wilde

Hoje em dia é comum que, de vez em quando, a gente encontre por aí, pichado nos muros, ou em cadernos e mochilas, o símbolo do anarquismo. Porém, é de se duvidar de que as pessoas que os ostentam se preocupem, ou mesmo, saibam o que significa, em termos de proposta política, o anarquismo. Isto se deve, em grande parte, ao fato do anarquismo não ser algo sistemático, que possa ser descrito de maneira rígida. Mesmo o seu principal teórico, Bakunin (1814-1865), não deixava as coisas claras, já que dificilmente concluía as obras que começava. Nem por isso devemos cair no erro fundamental de confundir anarquismo com

bagunça.



Karl Marx

O anarquismo surgiu historicamente como uma espécie de dissidência do marxismo. Karl Marx achava que os trabalhadores deveriam tomar o poder e manter uma espécie de ditadura (a ditadura do proletariado) a fim de evitar que a burguesia retornasse (com uma contra-revolução). O estágio em que o Estado estaria nas mãos dos trabalhadores seria o socialismo, que, aos poucos seria substituído pelo

comunismo, onde não haveria mais espaço para Estado ou luta de classes.

Bakunin considerava Marx otimista e ingênuo: o poder corrompe as pessoas e quem quer que o tome, acaba por querê-lo para si. Qualquer classe, ao chegar ao poder, dele se apossaria. A “ditadura do proletariado” acabaria construindo uma hierarquia de funcionários públicos e tecnocratas que haveria de querer perpetuar-se como dominante. A solução estaria em

tentar o salto direto para o comunismo, que seria uma espécie de governo sem governantes: o anarquismo (anarquismo significa “sem governante”).

O anarquismo não constituiria partido ou teses dogmáticas, evitando “toda forma de poder”, ele seria um movimento vivo, como um organismo, fundado na cooperação e não na organização burocrática. Os anarquistas não acreditam na “representação política” e procuram limitar o espaço para esse tipo de prática ao mínimo possível: quando necessário se elegeriam delegados com o tempo de mandato limitado e sujeito a revogação. O anarquismo previa a supressão da propriedade privada dos meios de produção, que daria lugar a cooperativas, onde as decisões seriam comuns. Dá mesma forma os anarquistas negam a Igreja: “para afirmar o homem, é preciso negar Deus”. Em certa medida, podem-se comparar as idéias anarquistas com a democracia radical de Jean-Jacques Rousseau. Pode ser considerada “herança anarquista” a idéia de orçamento participativo: o importante é manter a consulta direta as pessoas envolvidas.⁴

O anarquismo em poucos momentos teve uma verdadeira força política: ganhou espaço no sindicalismo (que desembarcou no Brasil juntamente com os italianos) entre o fim do século XIX e início do século XX, e teve seu momento de maior força durante a Guerra Civil Espanhola.

⁴ Janos Biro, filósofo que muito me incentivou com seus comentários e participação no *blog* filosofia pop, quanto a esse texto ponderou: “A idéia do anarquismo para mim é que não existe uma forma correta de reger a humanidade, logo o próprio anarquismo não poderia ser isso. Ele não é uma proposta, é um questionamento somente. As pessoas que o transformam em proposta para mim deixam de ser anarquistas. A anarquia não faz parte da história”. A história de colocar coisas como orçamento participativo como cristalizações do anarquismo é um erro então: quem participa do orçamento participativo? O problema é que o anarquismo então ficaria como promessa: um substituto secular para as religiões? Não, o anarquismo estaria fora da história porque assim consideramos a pré-história, como me explicou Janos, “mas se considerarmos a história do ser humano, ela foi a maior parte da história, pois não havia a idéia de que existe uma forma correta para os seres humanos se organizarem”.

A desobediência civil de Mahatma Gandhi, na luta pela independência da Índia pode ser considerada um exemplo de prática anarquista.

Após a Segunda Guerra Mundial o anarquismo foi trivializado ressurgindo em diversos movimentos que parecem muito mais expressar o individualismo da burguesia capitalista: como no caso do movimento *hippie*, do maio de 1968, ou mesmo do movimento *punk*. Rejeitar o poder político é uma coisa, recusar-se a participar dele, mas tentar fazer o pentágono levitar já é algo muito “desgovernado”, mas que, ainda assim, gerou resultados: “Em Outubro [de 1967, contra a Guerra do Vietnã], em Washington, 50 mil pessoas marcharam sobre o Departamento de Defesa. Vestidos como vagabundos, risonhos como palhaços, carregavam flores, sugeriam que se fizesse amor e não guerra. Nessa manifestação que o professor americano Allen Matusow chama de “um dos mais significativos acontecimentos da história dos Estados Unidos”, um grupo de hippies tentou fazer levitar o Pentágono. A imensa construção, que abriga os maiores corredores do mundo, não levitou, mas hoje se sabe que por conta daqueles hippies ela sem dúvida saiu do lugar”⁵.



Evangelina Carrozzo protesta contra a construção de uma fábrica de celulose na fronteira da Argentina-Uruguai(em 2006). Todos prestaram atenção em sua causa.

⁵ Gaspari, Elio. “A roda de Aquarius” In: *A Ditadura Envergonhada* São Paulo: Companhia das Letras, 2002. p.234

Somos quem podemos ser, sonhos que podemos ter

Para Wallace Stevens a imaginação é a mente reagindo à pressão da realidade. No entanto, o que chamamos hoje de realidade seria simplesmente a imaginação dos mortos: desta forma, ser realista é outro nome para o conservadorismo. Precisamos da imaginação para inventar novos caminhos, seja para a nossa vida pessoal, seja para a sociedade como um todo.

O grafite de Maio de 1968 “*a imaginação no poder*” surgiu como uma metáfora que não parecia fazer sentido: apontando para uma utopia “romântica” que não trazia consigo a bandeira vermelha do socialismo, ou melhor, que não se deixava dobrar por nenhuma formula pronta.

O existencialismo vai ser o que fizemos dele, dizia Sartre. Dizia também que o homem não tinha uma essência e seria resultado de suas ações. Para John Lennon o rock seria o que “fizemos” dele. Para os jovens de então a política deveria ter essa mesma abertura para o novo. O que seria esse novo? O que nossa imaginação permitir.

O grande inconsciente da sociedade atual está implantado justamente na incapacidade de pensar em alternativas: as coisas são como estão e não existem alternativas. Essa é para Slavoj Žižek a grande ideologia pós-moderna. Se antes a ideologia se dava no nível do *saber*, ou seja, promovendo certo “ocultamento”; hoje ela se dá no nível do *fazer*: todos sabem, mas continuam cinicamente fazendo o que sempre fizeram. Como um nazi-fascista que justificasse seus crimes falando em premissas sociológicas e culturais, mas continuasse com seu comportamento violento e preconceituoso, tomando-o como natural. Vemos o aquecimento global, a destruição das reservas naturais, o colapso de nosso sistema energético etc.,

e não consideramos a possibilidade real de pensar em alternativas: mais cômodo imaginar o fim-do-mundo!

Essa situação é representada bem pelas palavras de jovem Theo, protagonista do romance *Sábado* de Ian MacEwan, que com seus 18 anos renega qualquer utopia política: “Quando pensamos nas coisas grandes – a situação política, o aquecimento global, a pobreza mundial –, tudo parece realmente terrível, nada está melhorando, não há nada a esperar. Mas, quando penso pequeno, mais perto –você sabe, numa garota que acabei de conhecer ou na canção que estou compondo com Chas ou em fazer "snowboard" no mês que vem, tudo parece ótimo. Por isso, este será meu lema: Pense pequeno”⁶.

Há pouco tempo, atrás Humberto Gessinger soltou uma nota no *site* dos Engenheiros do Hawaii sobre a música *Somos quem podemos ser*, dizia: “Uma questão específica de um cara que está estudando a cena musical recente talvez interesse a mais alguém: ele pergunta sobre **Somos Quem podemos Ser**. Me lembro que esta música provocava duas críticas. A primeira delas é de que soava muito brasileiro, clube da esquina.⁷ Eu tomava isso como elogio e agradeço ao acorde com sétima aumentada. A segunda crítica se referia a uma possível passividade da letra. Acho uma leitura apressada. Não estou dizendo que só podemos ser o que já somos... estou dizendo que somos tudo que pudermos sonhar... eu acho... na verdade só parei pra pensar nessa música por que o menino perguntou... e só pensei no refrão... pensar em música pra mim é parecido com fazer exame de sangue...”. O sangue é mesmo burro: corre nas veias sem saber. Só na hora de fazer exame sabemos que ele existe. Se Gessinger não sabe bem o que

⁶ Citado por Richard Rorty em “Náusea em Londres.” Folha 05/02/2006
<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/mais/fs0502200616.htm>

⁷ O Clube da Esquina, movimento musical que surgiu em Minas Geraes em meados da década de sessenta e renovou a música popular brasileira. Contou com nomes como Milton Nascimento, Lô Borges, Beto Guedes, Toninho Horta etc. Confira em <http://www.museoclubedaesquina.org.br/>

queria dizer, tem certeza do que não queria... ”Não sei para onde vou, só sei que não vou por aí”, como no poema de José Régio.⁸

Essa canção começa com os versos:

*um dia me disseram
que as nuvens não eram de algodão
um dia me disseram
que os ventos às vezes erram a direção
e tudo ficou tão claro
um intervalo na escuridão
(uma estrela de brilho raro
um disparo pára um coração)*

O que se “descobre”, o grande segredo que aqui se desvenda, parece ser justamente o grande ‘sintoma’ da ideologia: não se trata de encontrar um rosto atrás da máscara, mas do fato de que sempre existe uma máscara. Ao se descrever o sintoma a repetição se desfaz. Não é a toa que, para Lacan, foi Karl Marx quem descobriu o sintoma ao analisar a transição do feudalismo para o capitalismo: se na ordem feudal existiam relações formais de subordinação, nas categorias de suserania e vassalagem, na ordem capitalista essa situação foi camuflada pela liberdade de cada qual para vender sua força de trabalho. Existira a dominação, mas não existiria mais – aparentemente – o dominador. Perspectivas tomadas como *naturais* de repente aparecem como *construtos sociais*: é exatamente isso que Marx desvendou ao analisar o fetichismo da mercadoria na sociedade capitalista.

O que era raro torna-se comum ao ganhar valor de mercado. Todas as coisas devem se adequar a esse padrão. Como numa propaganda recente de cartão de crédito, que dizia o preço de vários itens de consumo e a seguir apontava para uma determinada satisfação emocional do consumidor, concluindo: “certas coisas não tem preço, para as outras você tem o cartão de crédito x”. Justamente ao pontuar que “certas coisas não

⁸Leia este poema em: <http://www.astormentas.com/regio.htm>

tem preço” a propaganda quer vender cartão de crédito, colocando tudo (até os sentimentos) nesse jogo de valoração mercadológico. Normalizam-se as diferenças, aparam-se as arestas e tudo se torna igual.



IR NUM SHOW COM DIREITO A VER O BONO
ROUBANDO CÂMERA DE FÃ!: R\$ 500,00



RONALDINHO GAÚCHO DE VOLTA NO
GRÊMIO: R\$ 100.000.000.000.000



HUMBERTO AGRADANDO A TODOS!:
"NÃO TEM PREÇO!"



Charge de Andrews & Bola

Exemplo paradigmático, o *slogan* “ser diferente é normal”, que utiliza uma qualificação psiquiátrica – o discutível padrão de normalidade – e a ele subordina todas as diferenças. Em verdade, melhor que inverter o dito, num “normal é ser diferente”, seria rejeitar esse padrão de “normalidade” de pressupostos nefastos.

Ao se desvelar algo como ideológico não temos por si só uma solução: a contradição explode como aparência: devemos lidar com ela,

tentar novos caminhos, ou empurrá-las para baixo do tapete. A letra continua:

*a vida imita o vídeo
garotos inventam um novo inglês
vivendo num país sedento
um momento de embriaguez*

A gravação de ***Somos quem podemos ser*** é de 1988. Nessa data não existia ainda Big Brother, mas “a vida já imitava o vídeo” e não ao contrário. Num país cheio de sede, teríamos um momento de embriaguez: a abertura política nos dava amplas possibilidades de escolher novos caminhos, mas deveríamos assumir que:

*"somos quem podemos ser
sonhos que podemos ter"*

Somos romanticamente responsáveis pela nossa auto-criação: se não tivermos sonhos, se não tivermos esperança, estaremos condenados a aceitar as coisas como estão. E de quem seria a “culpa” nesse caso:

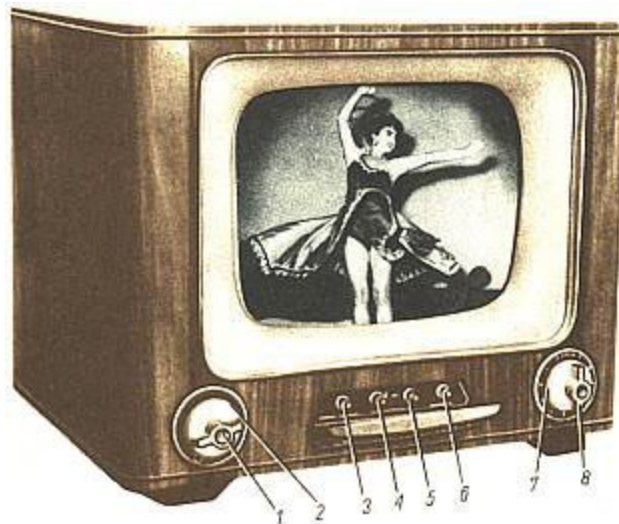
*"quem ocupa o trono tem culpa
quem oculta o crime também
quem dúvida da vida tem culpa
quem evita a dúvida também tem"*

A culpa seria de todos aqueles que se deixam dominar pela ilusão. Que apesar de saberem dos problemas preferem agir como se não soubessem e se negam a pensar em alternativas, em algo diferente. Karl Marx lembrava a dialética hegeliana entre senhor e escravo no ***Capital*** dizendo que “um rei só é rei porque outros homens colocam-se numa relação de súditos com ele. E eles, ao contrário, imaginam ser súditos por

ele ser rei.” Lacan, foi mais longe, ao afirmar que, um louco que acredita que é rei não é mais louco que um rei que acredita que é rei!

Se não pudermos imaginar alternativas, estaremos desde já condenados clinicamente a viver nossa autodestruição.

Tédio, TV, Democracia



Esse foi o texto da minha “primeira aula”... quer dizer: minha primeira aula de verdade. Estava fazendo estágio e as coisas não iam muito bem: os alunos detestavam quando os estagiários começavam a falar em filósofos antigos e empoeirados: eles queriam algo atual... As aulas de filosofia eram um desastre. Não tínhamos material didático e não foi possível esconder a falta de direção. Fiquei chateado, mas: o que fazer? Resolvi preparar o meu material, tentar trazer alguma coisa que os alunos gostassem... Por isso, a partir de três músicas do rock nacional tentei incentivar uma discussão sobre Democracia, Meios de Comunicação etc. Na verdade, por conta da minha falta de experiência, não consegui explorar o material como deveria... mas foi o primeiro passo: tanto na minha invenção como professor (comecei a gostar daquilo), quanto do meu projeto de pensar a partir do rock nacional (mais especificamente, o trabalho da Legião Urbana).

(Um exemplo das coisas que “não consegui”: coloquei como ilustração desse texto um desenho dos Pokemons... Tinha um sorriso quando fiz isso, mas não expliquei para a turma o motivo; é que hoje a inversão entre público e privado é tão grande, que mesmo as crianças não acreditam mais serem os heróis... os heróis são virtuais, comandados pelos humanos: estamos na era dos videogames e essa é uma situação grave: quando nem as crianças podem se imaginar como heróis, nem elas fantasiam mudar o mundo, mas encarregam isso a outros... virtualizamos a esperança da democracia. É por aí.)

Teatro dos Vampiros (trecho)

*“Sempre precisei de um pouco de atenção
Acho que não sei quem sou só sei do que não gosto
Esses dias tão estranhos
Fica a poeira se escondendo pelos cantos
Esse é o nosso mundo: o que é demais nunca é o bastante,
A primeira vez é sempre a última chance”
(Legião Urbana)*

Essa música, segundo o autor (Renato Russo), tem por tema a televisão. Surpreendemo-nos de não perceber nenhuma referência direta ao aparelho, ou a “rede globo”, porém, ainda assim o tema se esclarece. É preciso olhar mais de perto o dito, pensar o pensado, atitude que não é comum na cotidianidade.

Todos precisam de atenção. Essa parece ser uma afirmação evidente. O autor segue dizendo não saber o que é, porém conhecer o que não quer. Essa é uma afirmação negativa. O indivíduo se afirma negando: dizendo não. Para o que ele diz não?



*Nosferatu (1932), o vampiro
do filme de Murnau*

A resposta parece apresentar-se de forma indireta: “esses dias tão estranhos/ fica a poeira se escondendo pelos cantos”. Dias em que a poeira toma conta, dias de indiferença para com o mundo a sua volta: dias de tédio. Tédio e indiferença que deixam o mundo como está: “onde o que é demais nunca é o bastante/ a primeira vez é sempre a última chance/ ninguém vê aonde chegamos/ os assassinos estão livres, nos não estamos”. Essa é uma descrição do mundo a ser negado, mundo que pede tudo ‘agora’, na urgência do consumismo; que promove a disputa e a indiferença, e que, nessa disputa, nos cerca com uma violência que, em verdade, não vem de “baixo para cima”, mas de “cima para baixo”.

Muros e Grades (trecho)

*“Nas grandes cidades
Num pequeno dia-a-dia
O medo nos leva tudo
Sobretudo a fantasia
Então erguemos muros
Que nos dão a garantia
De que morreremos cheios
de uma vida tão vazia”
(Engenheiros do Hawaii)*

A violência não é um acaso numa sociedade em que a distribuição de renda se mostra tão desigual como no Brasil. A violência não se justifica, porém acaba por justificar a desigualdade. A disputa silenciosa se acirra, assim como o medo. Nas grandes cidades essa angústia se intensifica por estarmos, na maioria das vezes, cercados por tudo aquilo que a sociedade consumista prega como certo, e tudo aquilo que ela fomenta indiretamente (a partir e seus erros).

A indiferença cerca, e nesse “cercar-se” todos são iguais: ninguém se importa com nada a não ser consigo mesmo. E depois surge a pergunta: “por que vivemos uma vida tão vazia?”. Questão que não ouvimos (1) por

estarmos indiferentes para com a resposta, ou (2) por estarmos indiferentes para com nós mesmos.

Televisão

*“A televisão me deixou burro, muito burro demais
E agora todas as coisas que eu vejo me parecem iguais.”*
(Titãs)

Os meios de comunicação se movem de acordo com a publicidade. A publicidade se caracteriza por tentar tornar público o que é privado, tentar tornar o particular, geral. Ela quer “todos iguais”, só que essa igualdade, mais e mais se direciona a indiferença.

O público quer mais e mais essa inversão: tornar o privado público e o público privado. Querem decidir e saber sobre a vida dos outros, na mesma medida em que se esquecem da própria vida e da vida em comunidade.

A comunidade é comum-unidade, é a união de todos pelo bem comum. Dificilmente poderíamos dizer, hoje, que vivemos em comunidade. Dificilmente nos unimos tendo em vista o bem comum.

A Democracia pede, propõe a participação de cada um (até mesmo para se legitimar), porém, numa época em que a indiferença tornada pública ameaça à própria publicidade; que cada um que apenas o seu, caminhamos contra a democracia. Como podemos querer a Democracia conquanto afirmamos e vivemos na indiferença?

Despotismo Esclarecido na *Hora do Mergulho*

Hora do Mergulho

(Humberto Gessinger)

*Feche a porta, esqueça o barulho
 Feche os olhos tome ar: é hora do mergulho
 Eu sou moço, seu moço, e o poço não é tão fundo
 Super-homem não supera superfície
 Nós mortais viemos do fundo
 Eu sou velho, meu velho, tão velho quanto o mundo
 Eu quero paz:
 Uma trégua do lilás-néon-Las Vegas
 Profundidade: 20.000 léguas
 "Se queres paz, te prepara para a guerra"
 "Se não queres nada, descansa em paz"
 "Luz" - pediu o poeta
 últimas palavras lucidez completa
 Depois: silêncio*

*Esqueça a luz... respire o fundo
 Eu sou um déspota esclarecido
 Nessa escura e profunda mediocracia*



O filósofo Friedrich Nietzsche

Hora do mergulho é a primeira faixa do disco *Simples de Coração* dos Engenheiros do Hawaii. Esse é o primeiro disco sem a formação clássica da banda: Humberto Gessinger (baixo), Augusto Licks (guitarra (que havia deixado à banda) e Carlos Maltz (bateria). Nessa música Gessinger chama quem ouve para a “hora do mergulho”. Mergulhar aonde? Quem sabe um mergulho interior: cita de passagem o super-homem que não supera a superfície (o além do homem de Nietzsche). Pede paz, trégua do néon-Las Vegas. Trégua das luzes da mídia, da propaganda que brilha, como que contendo luz própria e anunciando os cassinos do jogo de cartas marcadas do mercado: “eles” ganham a corrida antes mesmo da largada. O caminho, a direção, é a

profundidade de 20 000 léguas (submarinas). Uma referência ao fantástico de Júlio Verne, que no século XIX previa coisas como a viagem do homem à lua (arremessado dentro de um projétil de um imenso canhão).



O poeta Goethe

Gessinger cita um “ditado” romano: “se queres paz te prepara para a guerra, se não queres nada descansa em paz”. É preciso sempre querer. Como o poeta Goethe que, segundo a lenda, na hora da morte pedia “Luz, mais luz”. Goethe se inscrevia dentro da tradição romântica, iluminista, que se propunha a espalhar/procurar a luz natural da razão (separando-a das trevas). A morte do poeta traz o silêncio.

A música se aproxima do desfecho: Gessinger pede para que esqueçamos a luz, a idéia iluminista da razão, da ordenação, do método... respirar o fundo, de onde vêm os mortais, aponta para a valorização dos sentimentos. Nesse contexto, Gessinger se auto-proclama um déspota esclarecido, no meio de uma “escura e profunda mediocracia”. Alguém que tenta manter o poder sobre o seu destino em meio aos que querem ser apenas iguais.

É uma inversão da posição dos déspotas esclarecidos do século XVIII, que, para manterem seu poder centralizado, adotaram medidas liberais/iluministas. Agora, ao contrário, Gessinger para manter o seu poder de decisão individual foge das idéias iluministas (que quer todos iguais). Os do século XVIII eram déspotas, porém esclarecidos, agora o ideal é ser esclarecido (já que não há como fugir da luz néon), porém déspota (tentar lutar por alguma diferença, alguma paz).

O coro que entoa um "lá-lá-lá" indeciso no começo da música e em seu fim mostra os ecos da mediocracia, da padronização: não é à toa que Gessinger é fã do Pink Floyd...

Freud Flintstone e os deuses da propriedade privada

*A música **Freud Flintstone** dos Engenheiros do Hawaii traz referências às primeiras formações patriarcais, que deram origem a propriedade privada do solo. Essa estrutura era comum na Antiguidade Clássica (Grécia e Roma). No entanto, a música pode ser interpretada como uma narrativa que descreve a criação do “deus” da propriedade privada.*

Na sociedade atual os ídolos não permanecem nos altares: para o capitalismo é sempre necessário criar novos, e, para isso, esquecer/destruir os antigos. Isso acontece na moda, na informática, na música, na televisão, no cinema etc. ídolos são criados e consumidos com avidez.

Os artistas são colocados no altar. Uma vez lá, as pessoas passam a querer saber tudo sobre suas vidas: o que pensam, o que vestem, o que sentem, o que os faz sofrer, o que acham da política, do buraco na camada de ozônio... Querem consumir seu ídolo.

Esse consumir tem um sentido pesado: muitas vezes os artistas são privados de suas próprias vidas e se tornam reféns da fama. Contudo, a dor deles vende: as revistas de fofoca não são à toa as mais vendidas. As pessoas acham “emocionantes” as corridas na TV quando ocorrem acidentes. Vão para o rodeio (na maioria das vezes) pra ver os tombos... querem a morte de seus ídolos... quando eles morrem vão novamente para o altar... os ídolos são literalmente consumidos. . .

Transcrevo a letra e depois um comentário sobre como, na Antiguidade Clássica, a existência de deuses familiares se liga à invenção da propriedade privada do solo.

Freud Flinstone
(Humberto Gessinger)

*Querem sangue, querem lama,
Querem à força o beijo na lona
E querem ao vivo
Querem à lágrima doida
Do ídolo caindo
Em câmara lenta*

*Querem lutar pelo que amam
Conquistar e destruir
O que amavam tanto
Faça uma prece p'ra Freud Flintstone
Acenda uma vela p'ra Freud Flintstone
Sacrifique o bom senso no seu altar*

*Na areia da arena
Saí de cena por decreto
A flor do deserto*

*Gran finale, ultima cena.
No ar pelas antenas
A morte do toureiro*

*Faça uma prece p'ra Freud Flintstone
Acenda uma vela p'ra Freud Flintstone
Que o satélite lhe seja leve*

*Esqueça a prece p'ra Freud Flintstone
Acenda a fogueira p'ra Freud Flintstone
Vamos queimá-lo vivo, enterrá-lo vivo,
O preço é uma prece, pague p'ra ver,
Compre ingresso, adeus Pink Floyd Flintstone,
Fama, fogo, fúria, fé no clube Freud Flintstone
Que o satélite lhe seja leve*

Família, Religião Doméstica e Propriedade Privada

O surgimento da propriedade privada do solo na Antiguidade clássica se liga a existência de uma religião doméstica que fundamentava a unidade das famílias e a unidade do território.

Havia uma verdadeira “religião da morte”⁹ baseada na crença de que com a morte não havia uma separação total entre corpo e alma (não se concebia tal distinção), ocorria, em verdade, uma mudança de vida: os mortos continuariam a viver na terra junto dos vivos como demônios poderosos. Os gregos chamavam as almas humanas divinizadas pela morte de demônios, ou heróis. Os latinos as denominavam de manes, lares ou gênios.



*Saturno devorando o seu filho,
Francisco Goya (1744-1828)*

Para garantir a paz na vida cotidiana (tendo em vista o poder dos lares) era necessário seguir os preceitos de uma religião familiar centrada na figura do patriarca fundador. A presença desse demônio era marcada pela existência de um fogo sagrado na casa de cada família. O fogo só deixava de brilhar quando toda família estivesse extinta; lar extinto, família extinta.

No infortúnio, o homem chorava suas mazelas para o fogo, dirigindo-lhe repreensões; na felicidade rendia-lhe graças. O soldado ao voltar ileso da guerra, agradecia por ter-lhe preservado dos perigos. Só o pai, único interprete e único pontífice de sua religião, tinha o poder de

⁹ Tenho dúvidas se todas as religiões não são também “da morte”.

ensinar tal religião e só o podia fazer a seu filho. Ninguém mais podia ser instruído nas regras da sua religião caseira.

Os limites das terras da família marcavam também os limites do domínio desse deus patriarcal. Os membros da família deviam sempre ser enterrados nesse limite, geralmente em túmulos coletivos. Assim a propriedade da terra tinha, inicialmente, uma fundamentação religiosa. Mais tarde, quando se tornou comum a venda de territórios, era necessário garantir que os membros da família continuariam sendo enterrados no domínio do seu deus e seguindo as atividades dessa religião.

Assim, havia uma constante troca de serviços entre vivos e mortos. Abandonar um corpo sem túmulo era condenar a alma a errância, sobre forma de larva ou fantasma, sem receber as oferendas de que necessitava, essa alma se tornaria perversa, provocando doenças, devastando plantações.

A cerimônia fúnebre tinha, então, um grande significado. Era comum chamar por três vezes a alma do morto pelo nome que havia usado em vida, dizer-lhe por três vezes “passe bem” e acrescentar “que a terra lhe seja leve”.

Palavra(s) do autor:

Esses são trechos de alguns chats que Humberto Gessinger participou:

Questão: Os romanos escreviam no túmulo, "que a terra lhe seja leve" quando enterravam alguém que prezavam. É isso em Freud Flintstone?

HG: é isso, antonio.

Humberto o que você quer dizer na música Freud Flintstone com, "que o satélite lhe seja leve"?

HG: "que a terra lhe seja leve" é a expressão clássica: a terra que fica sobre o caixão, a morte, o julgamento... usei satélite pois hoje é o que nos

julga...temos uma existência virtual, através dele, principalmente nós, teimosos de comunicar.

Novos Horizontes dos Engenheiros do Hawaii

A canção *Novos Horizontes* apareceu no álbum ao vivo dos Engenheiros do Hawaii *10.000 destinos de 2000*. Neste texto tento entendê-la e mostrar como ela antecipa a temática do trabalho seguinte da banda.



Novos horizontes

(Humberto Gessinger)

corpos em movimento

universo em expansão

o apartamento que era tão pequeno

não acaba mais

Uma epifania: da explosão inicial de um *big bang* principia o universo, que continua sempre em expansão. Esse é o seu movimento. Um apartamento pequeno que também se expande. Ele agora está crescendo: existe uma falta dentro dele, um vazio que cresce da mesma forma que o universo.

vamos dar um tempo

não sei quem deu a sugestão

aquele sentimento que era passageiro

não acaba mais

“Vamos dar um tempo”. Vamos nos separar: com o tempo os corpos se afastam, vamos nos distanciar como o universo que se expande. Não sei quem deu a sugestão: mas faria diferença se soubesse? O que importa é que

o sentimento que deveria ser passageiro também vai se ampliando. Qual sentimento?

quero explodir as grades
e voar
não tenho pra onde ir
não quero ficar

Também quero essa expansão, quero me libertar desses limites e ser livre:
não sei bem para onde ou porque, mas sei que não quero ficar aqui. Quero
coisas novas, novas experiências...

novos horizontes
?se não for isso, o que será?
quem constrói a ponte
não conhece o lado de lá

Para viver algo diferente, para agir é necessário se arriscar. É preciso estar pronto para também mudar, para se reconstruir. Só quem enfrenta a angústia de saltar o abismo pode alcançar o outro lado e desvendar novos horizontes...encontrar novamente o chão e não deixar-se cair

suspender a queda livre
libertar

Na hora de agir não existem pressupostos que possam nos proteger do vazio e da “expansão do universo”. Os que não querem se acomodar numa situação que lhes é desagradável, devem estar prontos para enfrentar a

angústia de agir. Todo ato que merece esse nome implica numa transformação de quem age. Impõe a necessidade de se reinventar... arriscar... querer o novo... já que

o que não tem fim sempre acaba assim

A canção termina... sobra você e o universo: em expansão?...falta um sentido para isso... o álbum seguinte dos Engenheiros do Hawaii se chama ***Surfando Karmas e DNA*** e irá repetir e aprofundar esse tema. Na canção de abertura e que dá nome ao álbum, se lembra que, muitas vezes, temos de enfrentar situações nas quais as lembranças estão no espelho e a “esperança na outra margem”: a ação, desafiar o que é posto como destino e considerado “natural” (*karma* ou DNA) é ter coragem para inventar a própria liberdade...

Dar sentido p'ra existência: um esporte (extremamente) radical



Neste trabalho tento olhar mais de perto a canção *Esportes Radicais* do álbum *Surfando Karmas e DNA*. É uma continuação do texto acerca de *Novos Horizontes* (feito no mesmo dia).

Um detalhe que me chamou atenção no encarte foi a forma de diagramação da letra. Parece-me que ajuda a compreender o que está em questão. Então, citarei a letra com seus negritos e itálicos originais seguindo e comentando parágrafo por parágrafo. Trata-se de *uma* interpretação. Seu objetivo: um experimento de pensar...

A letra começa:

preso no trânsito de astros imóveis
faço as contas na ponta do lápis
e nada faz sentido

Pode-se pensar de início que esses versos não fazem sentido: “trânsito de astros imóveis?” Seriam esses “astros imóveis” elementos do *star system* de nossa sociedade de espetáculo? Não sei. Sigo em outro caminho com espírito de Parsifal: Kant, o grande iluminista alemão em sua crença imperturbável na razão, afirmava que nada lhe causava mais admiração do que “o sol estrelado sobre mim e a lei moral em mim”. Kant tendo como pressuposto a física de Newton, tentou pensar um conjunto de

regras éticas que deveriam conduzir o homem em sua existência. A idéia era conseguir a mesma necessidade da física de Newton: assim com a lei da



gravidade vale para todos os corpos, a lei moral deveria se impor a todos os seres dotados de razão. O grande problema estaria em como submeter à vontade humana a essas leis da razão. Se Kant tivesse chance de ver o dano causado pelo fascismo/nazismo provavelmente seria mais cético quanto ao poder e sentido da racionalidade humana...

Kant

De qualquer forma, hoje não faz mais sentido pensar numa “ordenação cósmica” de valores imutáveis e eternos que possa orientar a vontade do homem. Como sabemos por *Novos Horizontes* o universo segue em movimento, em expansão. A analogia entre o universo ordenado da física newtoniana e o formalismo da ética kantiana, fazendo “as contas na ponta do lápis”, não faz mais sentido. Provavelmente as referências do compositor são diferentes, mas acredito que essa primeira estrofe aponta para a ausência de uma racionalidade universal hoje... a letra segue

adrenalina é uma menina dormindo
dançando em silêncio imaginando um reggae
cansei de alimentar os motores
agora quero freios e airbag
pois nada faz sentido

Essa segunda estrofe trataria das emoções. O tema é introduzido com a palavra ‘adrenalina’. Por um lado não faz sentido manter uma

postura passiva, apática... por outro, não faz sentido entrar no jogo dos “esportes radicais” buscando na promessa de aventura e velocidade sua dimensão mais destrutiva: “cansei de alimentar os motores/ agora quero freios e *air bag*”. No entanto, nada aqui faz sentido.

se capricórnio fosse câncer, se Califórnia fosse França
a rampa que lança o skate ao céu seria nosso chão
180, 360, 540 graus, girando, esquentando
só pra ver até quando o motor agüenta o caos

Se: entramos no universo da suposição. Poderia ser o mundo diferente?! Qual diferença a letra postula: a adrenalina do esporte radical estaria em nossa vida cotidiana como intensidade e não como desperdício e auto-destrutividade. Por isso o refrão anuncia:

**não vou ficar parado, não vou passar batido
se nada faz sentido, há muito que fazer**

Não deveríamos nos entregar a apatia e ao comodismo, nem nos deixar dominar pelas emoções (por vezes destrutivas): se o mundo parece não ter sentido, devemos construir um sentido: existe muita coisa para fazer.

Isso é posto na canção como uma necessidade:

*não há alternativa, é a única opção
unir otimismo da vontade e o pessimismo da razão
contra toda expectativa, contra qualquer previsão*

*há um ponto de partida, há um ponto de união:
sentir com inteligência, pensar com emoção*

A única opção que temos estaria em seguir o exemplo de determinação dado pelo filósofo italiano Antonio Gramsci que, preso pelos fascistas e padecendo com diversas doenças nunca se curvou diante da situação totalmente desfavorável, pelo contrário: no cárcere por dez anos, produziu de maneira incessante (o que resultou em mais de 4 mil páginas de um trabalho de filosofia política, profundo e original). Tentando descrever o estado de



Antonio Gramsci

animo que o cárcere lhe proporcionou Gramsci utilizou uma frase do escritor francês Romain Rollain, mostrando que traziam juntos “o pessimismo da razão e o otimismo da vontade”.

O trabalho de Gramsci levou o marxismo a superar o determinismo econômico, o direcionando para uma transformação intelectual e moral da sociedade. Seria necessário “lutar” para construir uma nova cultura, um novo humanismo “com base na crítica dos costumes, dos sentimentos, das concepções de mundo, da estética e da arte.” É no sentido dessa transformação que Gessinger repete:

**não vou ficar parado, não vou passar batido
se nada faz sentido, há muito que fazer**

Sobre essa canção Humberto Gessinger disse que lhe parecia uma continuação de *Infinita Highway*: se naquela canção temos o

existencialismo-beat afirmando que “a estrada é a vida”, *Esportes Radicais* esclarece a direção a ser seguida.

13/06/2006

Sobre Gramsci:

<http://www.acessa.com/gramsci/>

Um texto legal que consultei:

Antonio Gramsci e a subida ao sótão da filosofia da práxis-

Marco Mondaini:

<http://gladiator.historia.uff.br/nec//textos/text12.pdf>

Luz, onde estão teus olhos



*Imagem do filme de Buñuel e Salvador Dalí **Cão Andaluz***

Ultimamente – depois de Nietzsche – é comum que se critique as perspectivas platônicas que permeiam a filosofia. É que as perguntas por essências atemporais levaram a filosofia para um caminho que parece hoje ter se tornado improdutivo: como lembra o filósofo norte-americano Hilary Putnam, ninguém pode alcançar a perspectiva de um “olho de Deus”. Mas, deve ficar a dúvida: Platão não era Platônico! É que hoje alguns identificam Platão com a figura do rei-filósofo, aquele personagem que no **Mito da Caverna** consegue contemplar a luz da verdade e volta para tentar libertar os que estão acorrentados em meio às sombras. Essa idéia de que o filósofo teria um acesso especial à Verdade tem uma dimensão mais religiosa do que algo que se possa justificar quando se mantém um diálogo aberto.

Mas o **Mito da Caverna**, como bem mostrou Heidegger, funda a autoridade da teoria, quando Platão, ao falar do caminho de ascensão do filósofo utiliza o termo verdade (*aletheia*), mas, quando se refere à volta dele para a caverna passa a falar em *ortótes*, a idéia de correção do olhar: o sábio deveria corrigir o olhar dos acorrentados de modo a levá-los a

direcionar-se para a luz do saber. Não é um diálogo: o filósofo tem autoridade porque sabe onde está a Verdade! Teoria seria contemplar o que é, olhos humanos deveriam se voltar para as essências ao invés se acorrentar às aparências. Ficar preso às aparências seria ficar preso às coisas fugidias, a vida prática: a vida do filósofo deveria ser contemplativa, ou seja, sua função seria *olhar* o mundo.

Pense num professor que faz seu mestrado/doutorado no exterior e volta para o Brasil para dirigir o olhar de seus alunos para as verdades mais reluzentes. Pense na necessidade que existe de justificar qualquer trabalho recorrendo-se a certo cânone que, nos garantiria acesso à verdade: o negócio nesse jogo de ócio não é debater idéias, mas *citar* gente que concorda com a gente. Como diz o professor Valdir Heitor Barzotto a fórmula parece ser citar três estrangeiros, um brasileiro que se alinha a um estrangeiro, outro que discorda e pronto. Não existe debate, não se discutem idéias: elas brilham como essências platônicas sendo confirmadas por “pesquisas” diversas. Na verdade, o que se faz é aplicar o método ao objeto: o importante é dominar este método. Não existe risco de erro. Mestrado e Doutorado garantidos por ter dado prova de poder olhar para a luz que advém do exterior. Nossa cordial desconversação¹⁰! Um exotismo inventado...

Fazer teoria é dirigir o olhar para algum lugar. Então deveríamos parar de tentar fazer teoria, parar de tentar atingir essências absolutas e passar a conversar, a aceitar o debate e o diálogo. Assim como, a imperfeição do inacabado, o acaso que sempre pode acenar. Assumiríamos, assim, nossa finitude e, com ela, a finitude de tudo o que é humano. Os que nos pedem para tentar esse outro caminho, de dialogo, pedem que abandonemos as metáforas visuais: ver, contemplar etc.; já que não existe

¹⁰ Vale a pena ler o texto do filósofo Paulo Margutti “O filósofo cordial como educador e autor”, disponível em: http://www.fafich.ufmg.br/~margutti/Fil_sofa_cordial.pdf

nenhuma Realidade pura e imaculada para ser desvendada. A marca da serpente humana está em toda parte...

Se a idéia é dialogar, podemos partir de qualquer elemento de nossa cultura. Ao invés de tentar falar todas as línguas vivas e mortas, poderíamos dialogar a partir de diversas linguagens. É o caso desse texto: decidi fazê-lo depois de ouvir uma canção dos Engenheiros do Hawaii – leia-se Humberto Gessinger. A letra de **Luz** põe em cena essa necessidade do olhar que permeia nossa cultura:

*Onde estão teus olhos
agora que 'tô bem na foto
agora que achei o foco
onde estão teus olhos*

*sem eles não existo
fico cego invisível
queimo o filme rasgo a foto*

*onde estão teus olhos
agora que domei a fera
agora que a dor já era
onde estão teus olhos*

*sem eles não existo
fico cego invisível
só enxergo o silêncio*

*juntos para sempre
objeto e observador
física moderna
velhas canções de amor*

*onde estão teus olhos(2x)
longe deles nada existe*

(solo de gaita)

*onde estão teus olhos(2x)
longe deles nada existe*

Luz é uma metáfora recorrente na tradição filosófica para se falar em razão. Trazer à luz algo para que possa ser visto: teorizar tudo e dominar qualquer acaso! Somos os observadores que querem objetificar tudo, reificar tudo a nossa volta. É isso que a modernidade quis; matematizar a realidade, partindo do Plano Cartesiano, da física moderna de Newton etc., inspiraram-se em buscar a função que descrevesse toda a Realidade. Mesmo a relação amorosa na modernidade passa a ser crivada desse ideal; o romantismo amoroso em sua contradição fundamental denunciada por Jurandir Freire Costa: ao tentar combinar “amor eterno” e “prazer constante”. Sem esse olhar de autoridade poderíamos sobreviver?

Quando pensamos na prática, as teorias que buscam princípios eternos acabam, mais cedo ou mais tarde, sendo refutadas pela realidade ou mostrando-se incompletas. Deveríamos então ser mais flexíveis e abandonar essas questões platônicas por essências. Saber e querer não bastam: o difícil é agir e aí, nenhuma teoria pode nos salvar de nossa própria contingência. *Humanitas* tem fome, diria Quincas Borba. Melhor dos mundos: impossível...

Por outro lado, acho que esse ataque às metáforas visuais é um tanto vazio. Não podemos deixar de ter este sentido, tais metáforas correspondem mais a nossa condição física do que a qualquer teoria. Deveríamos arrancar os olhos, como Édipo, para viver sem complexos? O olhar também é uma forma de identificar-se com o outro. Olhar nos olhos, olhar para o chão, os olhares das personagens de Machado de Assis... o olhar pode tanto transformar em pedra quanto dar vida. Precisamos ouvir o

silêncio, sentir as diferenças, farejar novidades? Sim... Mas não vejo nada intrinsecamente negativo nas metáforas visuais se tomamos alguns cuidados para não repetir antigos erros. Lembro de um poema de Camões, nosso poeta que perdeu um olho, que diz algo que me interessou:

MOTE

*Pus o coração nos olhos
e os olhos pus no chão
por vingar o coração.*

VOLTA

*O coração envejoso
como dos olhos andava,
sempre remoques me dava
que não era o meu mimoso.
Venho eu, de piadoso
do senhor meu coração,
boto os meus olhos no chão.*

Os olhos podem, nesse caminho de identificação, levar uma pessoa para habitar nosso coração. O que trazemos dentro do peito. É o que temos respeito. Olhemos então os problemas que nos comicham todos os dias: não faltam motivos pra se respeitar nossas vidas finitas e humanas.

Ta legal, eu ‘tô ligado! O Paradoxo de Marta e outras interrogações¹¹

Uma questão que tem me instigado ultimamente advém de uma personagem de novela: é o que chamo de **paradoxo de Marta**. Lília Cabral interpretava a vilã da novela *Páginas da vida*, Marta, que rejeitava criar uma neta ao saber que essa era portadora da síndrome de Down. Marta encarnava o ressentimento numa personagem complexa construída por Manuel Carlos. Por exemplo, trabalhava organizando festas infantis, mas odiava crianças. O ressentimento de Marta explode quando sua filha engravida e os sonhos que projetava nela são demolidos. A trajetória de Marta então vai caminhando em direção a loucura e a indiferença.

Em algumas cenas da novela, Marta assistia filmes com uma amiga. Durante essas sessões de cinema, se emocionava e chegava sempre às lágrimas... no entanto, os filmes só serviam de mecanismo para que ela descarregasse suas emoções e continuasse sendo incapaz de se identificar e agir de forma solidária com as pessoas que estão ao seu lado.¹² Vi uma dessas cenas e fiquei impressionado. Isso me levou a questionar sobre até que ponto livros, filmes, novelas etc., podem ajudar na educação moral. Será que essa perspectiva estetizante, em que buscamos nos recriar

¹¹Escrito originalmente para o blog **filosofia pop** no **Overmundo**, publicado em 21/01/2007 (<http://www.overmundo.com.br/blogs/ta-legal-eu-to-ligado-o-paradoxo-de-marta-e-outras-interrogacoes>)

¹²Pra quem se interessar, é possível encontrar no youtube (1) a apresentação da personagem de Marta (Lília Cabral) na novela *Páginas da Vida* de Manoel Carlos (<http://www.youtube.com/watch?v=wAEIRHPs8O4>) e (2) uma cena em que ela demonstra seu apreço por cinema, comentando um sonho em que se via como uma personagem do filme *Casablanca*... o ressentimento fica evidente e mais a posição do cinema em sua vida...outro dado interessante é que a cena se fecha com um depoimento real: a relação realidade/ficção, cotidiano/novela pode ser destacada(<http://www.youtube.com/watch?v=HWQbj4lrwew>).

constantemente mais do que manter constante uma identidade, pode se combinar com uma idéia de moralidade pública? Será que o discurso que espera que a arte, os esportes etc., mudem nossa realidade, não serve mais de mecanismo de *catarse*¹³, por meio do qual descarregamos nossas emoções e deixemos as coisas como estão? Que outro caminho teríamos para a educação moral?

Você pode dizer: tá legal, eu 'tô ligado, e celebrar da distância de quem assiste os problemas que nos cercam. É a posição de *espectador* que faz crescer as *teorias*. As teorias nos dizem sobre o possível e o impossível, mas na hora da ação, o que valem são as crenças que conseguem gerar prática. Na perspectiva pragmatista *crenças são hábitos de ação*. Porém, devemos observar que nem toda crença gera ação imediata: podemos esperar à hora certa para agir, ou mesmo nunca agir. Acho que é assim na maioria das vezes quando se abordam questões ecológicas: “todo mundo sabe” da urgência dos problemas, mas... não sente que é hora de traduzir isso em ação.

Explicando a obra do fundador do pragmatismo, Charles S. Peirce, John R. Shook afirma que “a linguagem não é o melhor guia para conhecer as crenças reais de uma pessoa. Apenas observando o que uma pessoa faz é que podemos compreender em que ela realmente acredita. Às vezes as pessoas não dizem a verdade sobre suas crenças. E às vezes, quando elas tentam descrever com sinceridade aquilo em que acreditam, suas palavras não são suficientes para elas se expressarem com clareza”¹⁴.

¹³O que diz "catarse"? Explica o Aurélio (1) Purgação, purificação, limpeza; (2) Med. Evacuação, natural ou provocada, por qualquer via; (3) Psicol. Efeito salutar provocado pela conscientização de uma lembrança fortemente emocional e/ou traumatizante, até então reprimida; (4.) Teatr. O efeito moral e purificador da tragédia clássica, conceituado por Aristóteles (v. aristotelismo), cujas situações dramáticas, de extrema intensidade e violência, trazem à tona os sentimentos de terror e piedade dos espectadores, proporcionando-lhes o alívio, ou purgação, desses sentimentos. É nesse último sentido, tomado em uma acepção aristotélica, que a idéia de catarse se torna problemática para a educação moral: o limite entre o que nos comove e o que nos leva a indiferença se mostra tênue.

¹⁴SHOOK, J. *Os pioneiros do pragmatismo americano*. Rio de Janeiro: DP&A, 2002. p. 54

‘Tá legal, eu ‘tô ligado: “saber todo mundo sabe/ querer todo mundo quer/ é mais fácil falar do que fazer”. Na hora de agir, não existe plano B, não existe uma teoria que sirva para todos os contextos e, mesmo para sobreviver é preciso que modifiquemos constantemente nossas crenças, descartando as que não funcionam. Na hora mais radical, na prática e em seus efeitos é que podemos entender a importância de uma crença.

Você pode dizer, “tá legal”, e na hora de agir posicionar-se como espectador de coração blindado. “Com a coragem que a distância dá”, comentar em tom diferente: “tá legal, eu ‘tô ligado”!

Tanto faz agir como os **racionalistas**, que tentam buscar uma visão superior, ideal, acima dos sentimentos humanos, ou, como os **românticos**, mergulhar nas profundezas do coração do homem, tentando desvendar a essência do humano: nos dois casos a direção é **vertical**, a procura é por um lugar privilegiado para *ver* o que acontece. Contemplar e dizer o que é. Fica mais fácil!

Ainda não sei como sair do **Paradoxo de Marta**, nem sei se é possível sair dele. Mas acho que é importante levantar a questão. Por enquanto continuo no mesmo caminho: esse texto foi construído em diálogo com três canções dos Engenheiros do Hawaii (que foram gravadas no álbum *Novos Horizontes*, mas já podem ser ouvidas em versões demo em seu): *Vertical*, *Plano B*¹⁵ e *Coração Blindado*.

“Ta legal”: é o mesmo caminho estetizante... mas por hoje só tenho as questões e a dúvida radical: estamos à caminho. A canção Melhor assim.

¹⁵ A canção *Plano B* só apareceu como uma demo no [site](#) da banda.

Quando as armas químicas não estão lá... Quando os poemas nos enganam...¹⁶

Há poucos dias, assisti o documentário *The Pervert's Guide to Cinema* (de Sophie Fiennes, Grã-Bretanha/Austria/ Holanda, 2006), apresentado pelo filósofo e psicanalista Slavoj Žižek (lê-se Slavói Chichec). Žižek é um pensador que tem se tornado popular por oferecer uma releitura da tradição marxista a partir de uma perspectiva que cria uma síntese entre Hegel e Lacan. Sua posição tinha tudo para ser excessivamente hermética, gerando um discurso difícil e assustador para a maioria das pessoas. Ocorre o contrário. Žižek conecta seu pensamento aos signos de nosso tempo, falando sobre eventos atuais; de jogos de videogame (como o *Second Life*), canções e, principalmente, de filmes.

Uma noção central para as análises de Žižek é a idéia de “paixão pelo Real”, que estaria presente tanto nos atos revolucionários quanto no terrorismo. Žižek aponta aqui para um antagonismo: existiria uma “má paixão” que defenderia a idéia de que “a única experiência potente é a experiência de transgressão, seja na figura da violência política, da sexualidade sadomasoquista etc”. Esta dimensão maléfica da paixão pelo Real estaria presente no “terrorismo e, por exemplo, na fascinação do revolucionário que, para defender a causa, não teme ir até o fim e fazer o trabalho sujo que vai contra os seus princípios morais privados.” Já o lado “bom” desta “paixão pelo real” estaria na valorização do espetáculo, do virtual, do cinema etc. O paradoxo é que o lado “ruim” e o lado “bom” da paixão pelo real estão interligados hoje. Um exemplo dessa junção é o terrorismo: “por um lado, ele é resultado de uma paixão pelo real, paixão

¹⁶ Escrito originalmente para o blog **filosofia pop** no **Overmundo**. Publicado em 04/07/2007. (<http://www.overmundo.com.br/blogs/quando-as-armas-quimicas-nao-estao-la>)

daqueles que afirmam: “vamos agir brutalmente”, mas seu efeito é de um grande espetáculo explosivo que nos fascina”.

O documentário pode servir de introdução para a leitura da obra de Žizek, até mesmo porque, grande parte de seus espectadores sentir-se-ão em dúvida: será que este psicanalista descobriu a “real” intenção dos cineastas (David Lynch, Charles Chaplin, Alfred Hitchcock etc.) ou ele está inventando tudo isso para encaixar sua teoria? Será que este espetáculo é mais real do que os outros? O autor, a partir de sua confortável posição de psicanalista poderia rir e afirmar que essas questões são mais uma manifestação de “paixão pelo real”. O espectador poderia rebater: “o mais apaixonado é você, assim como o diabo é quem mais ama Deus”. Este impasse não deve ter solução e sim servir como inspiração para que se leia a obra deste autor. A leitura de Žizek pode servir para que, com maior distanciamento, possamos compreender o que ele está *querendo fazer* com seu discurso. Fica a dica.

No documentário, uma das cenas que me instigaram, foi a da análise de Žizek da parcialidade das opções oferecidas a Neo em uma famosa cena de *Matrix*. Nela, o herói tem que escolher entre a pílula vermelha, que traria como efeito a revelação da Verdadeira Natureza da Realidade, e a pílula azul, com a qual permaneceria iludido pelas aparências, o “espetáculo” de vida virtual oferecido pelo “gênio maligno” da Matrix.

A idéia de que existe um “Real” esperando por ser desvendado estando sobreposto a uma grande ficção, um mundo de aparências, é um dos fetiches mais caros da modernidade.¹⁷ Žizek prefere pensar numa

¹⁷ Sobre esta questão vale a pena ler o texto do filósofo norte-americano Richard Rorty *Fora da Matrix* (<http://www.filosofia.pro.br/modules.php?name=News&file=article&sid=87>), em que ele, a partir da análise do filme, faz uma introdução ao pensamento de Donald Davidson.

terceira pílula, que fosse capaz de nos mostrar o quanto de ilusão e ficção são necessárias para cimentar a percepção de realidade. É esta intuição que vou tentar desenvolver a partir da canção *Armas químicas e poemas*, dos Engenheiros do Hawaii.

Armas químicas e poemas foi lançada em 2004, no álbum *Acústico MTV Engenheiros do Hawaii*. Ela apresenta, já em seu título, um elemento de denúncia: a existência no Iraque de “armas químicas”, armas de destruição em massa, foi a desculpa utilizada pelos EUA para justificar, como ação preventiva, a invasão daquele país. A ficção fundou a realidade do conflito atual. Parece ser um *nonsense* a idéia de unir no título da canção “armas químicas” e “poemas”. Este tipo de aparente contradição é algo recorrente nas letras de Humberto Gessinger, servindo para apontar e provocar espanto com as coisas que não se encaixam muito bem: clichês inéditos, exército de um homem só, esquerda *light* etc. É esse tipo de jogo que parece surgir nos primeiros versos da canção:

*“eu me lembro muito bem, como se fosse amanhã
o sol nascendo sem saber o que iria iluminar(...)”*

Parece estranho a canção começar com esse nascer do sol que é também promessa: recordamos algo que ainda não ocorreu. O poema usa do artifício do “como se fosse”, da imaginação que cria analogias que não tem sustentação na realidade. São metáforas para tentar dizer algo ou fazer algo que não é comum. O poeta, como já sabia Platão (o maior de todos os poetas), institui a realidade. À medida que metáforas se tornam moedas correntes, perdem o poder de espanto e tornam-se triavilidade: palavras gastas dão sentido ao literal.¹⁸ O poder do “como se fosse” nos faz olhar

¹⁸ Interroga-se Nietzsche: “O que é verdade portanto? Um batalhão móvel de metáforas, metonímias, antropomorfismos, enfim, uma soma de relações humanas, que foram enfatizadas poética e retoricamente, transpostas, enfeitadas, e que, após longo uso, parecem a um povo sólidas, canônicas e obrigatórias: as verdades são ilusões, das quais se esqueceu que o são, metáforas que se tornaram gastas e sem força sensível, moedas que perderam sua efigie e agora só entram em consideração como

de modo diferente para o que é (ou está). Recordar algo que ainda não ocorreu? Saudade do futuro? Nossa sensibilidade romântica se manifesta na recusa de nos limitarmos ao aqui e agora. O horizonte só surge como esperança. Preenchemos o futuro com expectativas. “Somos quem podemos ser, sonhos que podemos ter...”.

O fato de nos relacionarmos com nosso próprio futuro, nos direciona para algo que consideramos como bom e nos levam a atuar. Se perguntam “Como você está?”¹⁹, a resposta mais comum fala de um estado de ânimo, apontando uma perspectiva de julgamento em relação à existência como um todo, aos projetos e esperanças. A vida ganha sentido a partir desses sonhos de futuro, dessas promessas do que ainda não é. A letra continua:

*“eu abri meu coração como se fosse um motor
e na hora de voltar sobravam peças pelo chão
mesmo assim eu fui à luta... eu quis pagar pra ver(...)”*

O “como se fosse” reaparece na comparação do coração (do sentimento), com um motor (um mecanismo): no confronto entre o ideal e o real sobram “peças pelo chão”. Entre os sonhos e sua realização, existe uma distância, uma falha. Entre a satisfação oferecida pela propaganda e a realidade do consumo, entre as promessas de amor eterno e a busca de prazer constante, entre o “como se fosse” da poesia e o que é: sobram peças pelo chão. Ainda assim, o que nos resta é seguir em frente: pagar p’ra ver.

A letra segue:

*“aonde leva essa loucura
qual é a lógica do sistema
onde estavam as armas químicas*

metal, não mais como moedas.” (NIETZSCHE, Friedrich. *Obras incompletas. In. Os Pensadores*. Trad. Rubens Rodrigues Torres Filho. São Paulo: Nova Cultural, 1996. p. 48).

¹⁹ Fiquei intrigado com a diferença deste “Como você está?” em relação ao já mais desinteressado “Tudo bem [com você]?”. A segunda pergunta já pressupõe de modo forte uma resposta, já aponta para o que seria a resposta *standard*.

o que diziam os poemas”(...)

Qual é a lógica do sistema que une a vontade de mudança e aquisição com a economia de consumo? A felicidade paradoxal do consumismo; a sede do heroísmo romântico, a busca pelo “real”. Filmes de guerra continuam lado a lado com canções de amor. Quando descobrimos que não existiam armas químicas, que os poemas não descreviam exatamente a realidade, o que nos resta a fazer? Criamos tantas expectativas em relação a um sonho e somos desmentidos pelo mundo. Quando se descobre que os dragões são moinhos de vento, quando Dom Quixote se torna também um mito... segue combatendo: é o que *sabe* fazer.

*afinal de contas
?o que nos trouxe até aqui, medo ou coragem?
talvez nenhum dos dois
sopra o vento um carro passa pela praça
e já foi... já foi
por acaso eu fui à luta... eu quis pagar pra ver*

Atrás das armas químicas existia o interesse pelo petróleo (o carro passa pela praça e já foi...). O que sustentam os poemas? Existiria amor atrás das promessas da poesia? Na insatisfação com o mundo que aí está, precisamos imaginar outro, mais real para nossos sonhos, para o sol de amanhã. Precisamos dessa dimensão utópica para “remar contra a corrente” (ou acreditar nisso). Precisamos alimentar a fé em nossas “causas perdidas”, sonhos sinceros...

*“o tempo nos faz esquecer o que nos trouxe até aqui
mas eu lembro muito bem como se fosse amanhã*

*?quem prometeu descanso em paz
depois dos comerciais?
?quem ficou pedindo mais
armas químicas e poemas?”*

Como diferenciar armas químicas e poemas? Existe diferença entre armas químicas e poemas? Ficção e realidade se cruzam, as águas se tornam turvas e a certeza é só uma: o mundo não tem legenda.

Faz de conta que o mundo não está ficando Cinza

O filósofo norte-americano Richard Rorty, depois dos atentados de onze de setembro, passou a temer que o Ocidente renegasse o ideal democrático e desse espaço para atitudes totalitárias na busca pela manutenção da hegemonia econômica. Pior ainda do que essa mudança na vida política, seria o fato de que as pessoas, diante da ameaça eminente e fantasmagórica, perdessem qualquer interesse em arregaçar as mangas para buscar reformar a sociedade. Rorty capta bem esse perigo quando cita as palavras do jovem Theo, protagonista do romance *Sábado* de Ian MacEwan, que com seus 18 anos renega qualquer utopia política: “Quando pensamos nas coisas grandes a situação política, o aquecimento global, a pobreza mundial-, tudo parece realmente terrível, nada está melhorando, não há nada a esperar. Mas, quando penso pequeno, mais perto - você sabe, numa garota que acabei de conhecer ou na canção que estou compondo com Chas ou em fazer "snowboard" no mês que vem, tudo parece ótimo. Por isso, este será meu lema: Pense pequeno”.²⁰

Nesse “pensar pequeno”, a separação entre vida privada e vida pública se torna tão grande que qualquer idéia de *responsabilidade* não mais se sustenta. O cimento que traria força aos vínculos e manteria os laços sociais estaria ausente, e, com isso, qualquer discurso que tenta transcender os interesses individuais imediatos parece cair no vazio da indiferença.

Richard Rorty tentou com sua filosofia colocar a *imaginação* no lugar antes ocupado pela *razão*: só assim poderíamos construir uma

²⁰ MacEwan, Ian. *Sábado* Citado por RORTY, Richard. “Náusea em Londres”. Folha 05/02/2006 <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/mais/fs0502200616.htm>

sociedade democrática em que autoridade de quem corrige o olhar do espectador seria substituída pelo diálogo constante. É difícil não considerar que Rorty tenha sido influenciado pelas pequenas utopias dos anos sessenta e pela idéia de “imaginação no poder”. O filósofo americano lembrava que o mundo não tem legenda, ele não fala: é com nossa linguagem que o descrevemos. Assim, as metáforas trariam consigo a possibilidade de criação de novas visões de mundo. Rorty queria abrir espaço para novas formas de pensar e para a esperança de uma vaga utopia de um mundo diferente. Para ele as imagens teriam maior poder de convencimento do que as narrativas: “por esta razão que o romance, o filme e o programa de televisão vieram a substituir, de forma gradual, mas constante, o sermão e o tratado, enquanto veículos principais de mudança e progresso no plano moral”.²¹



Joan Baez e Bob Dylan, na Marcha pelos direitos civis em Washington (1963)

Quando Bob Dylan cantava, no início dos anos sessenta, que havia uma “resposta sendo soprada pelo vento” ou anunciava “as mudanças dos tempos”, não era possível entender claramente o que isso poderia

²¹ RORTY, Richard. *Contingência, Ironia e solidariedade*. p.19

significar, contudo, naquele momento a frase ganhou um sentido social na luta pelos direitos civis. Em verdade, as canções de Dylan tiveram maior impacto do que qualquer discurso poderia conseguir, justamente porque com a música sua mensagem pedia de quem ouvia certa participação afetiva, completando seu sentido. Somente na medida em passamos a ver os outros como um de “nós” e não como “eles” podemos, tocados inicialmente pelos sentimentos, alargar nosso horizonte de identificação moral. Só então o velho imperativo de “não fazer com o outros, o que você não quer que seja feito com você” pode ganhar vida em nossas ações como uma crença.

Essa perspectiva de Bob Dylan quanto à canção repercutiu no mundo todo. Com o desenvolvimento dos meios de comunicação: em vários países, o poder da música popular em relação às possibilidades de transformação política, ganhou vida. *A banda* de Chico Buarque queria contagiar a cidade e fazê-la em conjunto cantar o amor. No ano seguinte, em *Alegria, Alegria*, Caetano Veloso encarnou a banda em sua atitude de flunar pela cidade “sem lenço, nem documento”. Com o golpe militar e o pequeno desenvolvimento de nossa “indústria cultural”, as possibilidades de questionamento político foram cerceadas. Por isso nos anos oitenta o rock nacional tratou de retomar a perspectiva de Bob Dylan, como mostram as palavras de Renato Russo: “O que a Legião Urbana tenta fazer é provar que os anos 80, no Brasil, você ainda pode tentar seguir o caminho que eu aprendi com o Dylan e os Stones e quem quer que seja. Que a gente possa ser a trilha sonora verdadeira, factual, para quando tiver o programa sobre ecologia eu não precise ir lá debater ecologia. Basta colocar as crianças cantando a nossa música, eu acho que se a gente conseguiu fazer isso já é uma coisa muito importante.”²²

²² *Conversações com Renato Russo*. Campo Grande (MS): Letra Livre. Pág.73.

O filósofo Renato Janine Ribeiro, ao analisar a obra de Chico Buarque de Hollanda, fala em Utopia Lírica: a idéia de que o cantor poderia contagiar pelos sentimentos as pessoas em direção a uma perspectiva de transformação social utópica. Acredito que as esperanças em torno da democracia continuaram sendo o norte da dimensão utópica da canção brasileira, até mesmo porque, o fantasma da ditadura deu para nossa sociedade um inimigo bem real para combater. Contudo, depois do desastre que foi a Era Collor, a tendência de nossa canção foi em geral, deixar de falar da política de forma utópica e abandonar a perspectiva lírica: passamos ao domínio da prosa e a uma separação mais nítida entre público e privado. Quando se trata de falar de questões sociais elas são colocadas do lado de fora, como um objeto exterior: por isso mesmo o *rap* mais e mais se coloca como o formato musical mais utilizado para o questionamento social e político. A dimensão lírica da canção popular alienou-se na vida privada.²³

Uma das poucas anomalias nesse discurso sobre a música popular brasileira me parece ser a posição dos *Engenheiros do Hawaii*, que ainda hoje tentam manter as lições de Dylan. Essa posição transparece no álbum *Dançando em Campo Minado* de, onde nas canções *Segunda-feira Blues*, se faz um balanço das esperanças perdidas desde a década de sessenta e lança questões como:

? onde estão os caras que lutavam dia-a-dia sem perder a ternura jamais ?
 ? onde estão os caras que desmaterializavam moedas de dez mil reais ?
 ? onde estão os caras que desconheciam limites ... universal e singular ?
 ? onde estão os caras que desenhavam novas cidades
 em guardanapos na mesa de um bar?

²³ Nos meus *Ensaaios Legionários*, que estão prontos e na gaveta, tento explicar melhor estas questões. Por hora o melhor é afirmá-las de modo dogmático sem cuidar de nuances e detalhes.



Dom Quixote, Honoré Daumier(1808-1979)

Apesar de “acordar” em uma segunda-feira melancólica (blues), a banda confirma sua posição utópica na canção *Dom Quixote*, que reafirma a esperança romântica de transformação da realidade, em detrimento do senso prático “sanchesco” de aceitação das coisas como estão:

**tudo bem...até pode ser
que os dragões sejam moinhos de vento
tudo bem...seja o que for
seja por amor às causas perdidas
por amor às causas perdidas**

Na canção seguinte deste álbum, a banda lembra a posição de resistência de Cuba e reafirma que seguirá *Até o fim* na busca por alguma transformação:

a ilha não se curva noite a dentro vida afora
toda a vida, o dia inteiro
não seria exagero
se depender de mim eu vou até o fim

cada célula, todo fio de cabelo
falando assim parece exagero
mas se depender de mim
eu vou até o fim

A última canção do álbum, *Outono em Porto Alegre*, fala de uma transformação do olhar individual: a pessoa olha ao redor e percebe que amadureceu e que apesar de tudo é feliz. Podemos caminhar pela cidade e reconstruí-la com um olhar otimista

o mundo fica para outro dia
andar por aí era tudo que eu queria

No novo álbum, *Novos Horizontes*, a canção *Cinza* busca falar do aquecimento global tomando uma perspectiva lírica, como explica Gessinger: “Em vez das grandes corporações, o foco é a maneira infantilizada como vivemos, querendo tudo e querendo agora”. O mergulho alienado na vida privada, que o jovem Theo considera ser a solução para sua felicidade, é o alvo da crítica dos Engenheiros do Hawaii:

o mundo é teu, é teu umbigo
chapado e aquecido
deve ser o fogo amigo
queimando tudo, joio e trigo

corre mundo um aviso:
corre risco teu umbigo
se correr o bicho pega
se ficar corre perigo

bruxas dançam na fogueira
inimigos na trincheira
um calor infernal congela teu sorriso
e o paraíso tropical (nada mal)

Nesse mergulho alienado na vida privada, as pessoas colocam qualquer questão social numa posição muito distante (separadas, por muros e grades). A idéia do aquecimento global aponta para os limites da terra em relação ao desejo do homem.

Parece que hoje, idéias universais não têm o mesmo apelo que há tempos lhes eram conferidas. É preciso considerar as diferenças e o contexto para que se justifique uma afirmação. A física clássica foi tomada como

GREENPEACE

modelo tanto na ética (como vimos na análise de *Esportes Radicais*), quanto na economia.

Como explica o economista Hugo Penteadó: “todas²⁴ as vertentes da economia assumem

*Uma boa dica é assistir ao vídeo **Mudanças de Clima, Mudanças de Vida**, produzido pelo Greenpeace e que pretende mostrar como as transformações climáticas afetam já o Brasil. O vídeo está disponível em <http://www.greenpeace.org.br/c/lima/filme/home/>*

²⁴ É bom tomar cuidado com a radicalidade da afirmação de Penteadó: afinal ele mesmo não é economista? Então não são “todas as teorias econômicas” etc.

ainda hoje, corajosamente, que o sistema econômico é neutro para o meio ambiente e que este é inesgotável. Robert Solow, o pai da teoria do crescimento, diz que as economias podem se ver livres dos recursos naturais, dado que o capital é um perfeito substituto da natureza. E foi além: afirmou que o ser humano será capaz de produzir outros fatores materiais que não os da natureza”.

Para Penteado é fácil perceber que esse discurso não se sustenta: a natureza continua sendo a fonte de qualquer recurso. Sentencia então: “a economia está em xeque com a realidade. Propor crescimento sem avaliar as condições necessárias e sem mensurar os resultados sócio-ambientais não se justifica mais, tanto pelas descobertas ambientais quanto pelas questões sociais, como a concentração de riqueza forte dentro e fora das nações”.

Podemos nos aproximar dessa necessidade de cuidado com as conseqüências e a responsabilidade tomando com mais seriedade a noção de *irreversibilidade*. A canção *Faz de conta* ilustra essa questão na perspectiva de uma relação afetiva: assim como uma pedra ao cair n’água produz ondas, nossas ações repercutem tanto no meio ambiente quanto em nossas vidas pessoais. Quando uma atitude nos faz perder o encanto, não adianta pedir algo como, “faz de conta que eu fui mais legal...”.

A irreversibilidade é o preço que pagamos por não vivermos em um universo em que todas as ações correspondem a uma ordem pré-estabelecida (como o universo descrito na canção *A Fábula*). Para o físico Marcelo Gleiser “o preço do novo é o

Faz de conta
(gessinger/melissa mattos)

era claro, espelho d'água
perfeição que a pedra destruiu
uma onda, mais uma onda
outras ondas e já não tem fim
agora é centro do movimento
a qualquer momento pode transbordar

**quando a pedra caiu na água
quando o espelho foi ao chão
quem estava ao teu lado?
quem estava com a razão?**

a pedra afundou
a onda inundou
faz de conta que eu fui mais legal

faz de conta que eu fui mais legal...

malas prontas
de hoje em diante, mais distante
talvez menos mal
desencanto na garganta
faz de conta que eu fui mais legal

**quando a pedra caiu na água
quando o espelho foi ao chão
quem estava ao teu lado?
quem estava com a razão?**

faz de conta que eu fui mais legal...

declínio da ordem”, e a idéia de irreversibilidade ilustraria nossa relação com o tempo. Exemplifica-o: “um cubo de açúcar dissolve-se espontaneamente numa xícara de café, mas jamais observamos os grãos de açúcar se reorganizarem espontaneamente voltando à forma de cubo. Uma omelete não se transforma espontaneamente em ovos crus. Moléculas de perfume escapando de um vidro aberto não retornam ao seu interior. Água morna não se divide em água fria e água quente”.²⁵

Aplicando essa idéia em termos ecológicos: do que adianta desmatar uma floresta e depois plantar o equivalente em eucalipto? Mais radicalmente: por mais que tentássemos, a floresta original se perdeu para sempre.

Quanto mais complexo o sistema, mais pertinência ganha o conceito de irreversibilidade.

A aplicação do conceito de irreversibilidade em termos de relações interpessoais deve ser considerada com cautela. Para o filósofo alemão Jürgen Habermas (pensando no contexto dos atentados de 11 de setembro): “O que antes de mais nada na verdade nos intranquiliza é a irreversibilidade do sofrimento passado, a injustiça em relação aos

a fábula

(the logical song - roger hodgson.

versão: humberto gessinger)

era uma vez um planeta mecânico,
lógico, onde ninguém tinha dúvidas
havia nome pra tudo e para tudo uma explicação
até o pôr-do-sol sobre o mar era um gráfico

adivinhar o futuro não era coisa de mágico
era um hábito burocrático, sempre igual
explicar emoções não era coisa ridícula
havia críticos e métodos práticos

cá pra nós, tudo era muito chato
era tudo tão sensato, difícil de agüentar
todos nós sabíamos de cor
como tudo começou e como iria terminar

mas de uma hora pra outra,
tudo o que era tão sólido desabou, no final de um
século
raios de sol na madrugada de um sábado radical
foi a pá de cal, tão legal

não sei mais de onde foi que eu vim
por que é que estou aqui, para onde eu irei
cá pra nós, é bem melhor assim
desconhecer o início e ignorar o fim
da fábula

²⁵ GLEISER, Marcelo. *A dança do universo: dos mitos de Criação ao Big Bang* São Paulo : Companhia das Letras, 1997. p.219.

inocentemente maltratados, desonrados e assassinados, injustiça que ultrapassa toda escala de reparação humana possível”.²⁶

Acho que aqui entra em cena novamente nosso horizonte de identificação afetiva. No meio da barbárie, dos problemas que parecem nos tragar para o universo da indiferença, a existência de uma pessoa com a qual nos identificamos sentimentalmente surge como uma mágica que nos salva do ceticismo, como aparece na canção *No meio de tudo você*:

selva
a gente se acostuma a muito pouco
a gente fica achando que é demais
quando chega em casa do trabalho
quase vivo

selva
a gente se acostuma a muito pouco
a gente fica achando que é o máximo
liberdade pra escolher a cor da embalagem

nessa selva
a gente se acostuma a muito pouco
a gente fica achando que é o normal
entrar na fila, pagar ingresso
pra levar porrada

**no meio de tudo, você
me salva da selva**

selva
a gente se acostuma a muito pouco
a gente fica achando que é demais
um pouco de silêncio
um copo de água pura

selva
a gente se acostuma a muito pouco
a gente fica achando que é o máximo
se o cara mente
mas tem cara de honesto

nessa selva
a gente se acostuma a muito pouco

²⁶HABERMAS, J. Fé e conhecimento. Folha de São Paulo 06/01/2002. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/mais/fso601200206.htm>. Consultado no dia 11/08/2007.

a gente fica achando que é o normal
finge que não vê, diz que não foi nada
e leva mais porrada

**no meio de tudo, você
me salva da selva**

**no meio de tudo, você
acima de tudo
no meio de tudo você**

O que era impessoal se torna importante na medida em que existe identificação. Para Habermas, por conta desse tipo de relação pessoal, podemos diferenciar o plano da descrição (em termos de causa e efeito, perspectiva observadora) e o da justificação (perspectiva participante). Só quando tratamos de justificar nossas ações para um “você”, podemos encarar de forma direta a questão da responsabilidade e desenvolver consciência em relação aos efeitos de nossas ações. O filósofo alemão apela pra um tom emotivo quando afirma que “o amor não pode existir sem o reconhecimento em um outro, a liberdade não pode existir sem admissão mútua”.²⁷ A razão não tem lugar quando não existe diálogo.

Para Rorty o que podemos fazer é contar histórias que atentem para os pormenores do sofrimento de outras pessoas, para os problemas de nossa forma de agir: só assim, pelo sentimento, teríamos uma identificação moral que levaria a mudança na forma de agir. Não existe para Rorty lugar para o papel ideal da “consciência”, nem para a divisão entre descrição e justificação: o que muda é o público, o contexto. De qualquer forma ambos apontam na mesma direção democrática.²⁸

²⁷ HABERMAS, J. Fé e conhecimento. Folha de São Paulo 06/01/2002. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/mais/fso601200206.htm>. Consultado no dia 11/08/2007.

²⁸ Para uma introdução didática ao debate entre Habermas e Rorty: http://www.serbi.luz.edu.ve/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1315-52162005004000004&lng=es&nrm=is Outro texto, um pouco mais técnico, que trata deste debate esta em: <http://www.filosofia.pro.br/modules.php?name=News&file=article&sid=43> Ambos são de Paulo Ghiraldelli Jr.

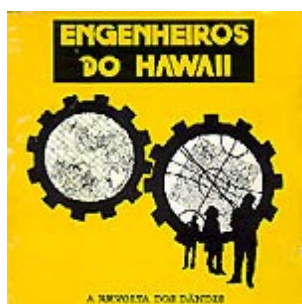
Acredito que as canções, os filmes, a arte em geral, podem ser usados para ajudar na tentativa de educação moral. Na medida em que ouvimos uma canção e buscamos desenvolver uma narrativa que a leve a fazer sentido dentro de nossa vida, ela pode servir para nossa autoformação. O cineasta russo Serguei Eisenstein falava de um caminho da *imagem* para o *sentimento* e deste para a *idéia*. Não existe a necessidade de desenvolver esse tipo de questionamento: muitas vezes, ou melhor, na maioria das vezes, ficamos no meio do caminho, só com a emoção. Tudo bem que uma vida não meditada não merece ser vivida. Mas, também é verdade que uma vida não vivida não merece ser meditada. Se podemos tentar nos aprimorar, por que não tentar fazer isso? Se estamos muito satisfeitos com as coisas como estão ou se temos medo, não existe espaço para a imaginação; para a coragem de buscar caminhos diferentes. A filosofia existe para questionar pressupostos e propor diálogo. A filosofia só serve pra quem está a caminho, por isso é bom pensar que podemos “sentir com inteligência, pensar com emoção”, tentar equilibrar sentimento e razão... e seguir viagem.

Da Engrenagem à Mandala

“A serpente come a própria cauda. Mas é só depois de um longo tempo de mastigação que ela reconhece no que ela devora o gosto de serpente. Ela pára, então... Mas ao cabo de um outro tempo, não tendo nada mais pra comer, ela volve a si mesma... chega então a ter a cabeça em sua goela. É o que se chama ‘uma teoria do conhecimento’”

Paul Valéry, *Ébauche d'un Serpent*.

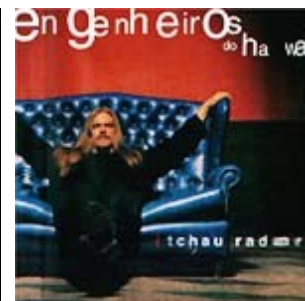
A serpente que engole a própria cauda: a contracultura alimenta a indústria cultural. Engrenagens do sistema, impessoal (quem são eles, quem eles pensam que são?). O palhaço deve aprender a rir do próprio riso, deve representar seu papel para ser ele mesmo o palhaço. Paradoxos existencialistas: os dois lados da moeda; liberdade e angústia, autenticidade e má-fé, reticências. O conflito não se resolve: o homem está lançado no mundo e tem que lidar com suas circunstâncias; ele é o que faz e por isso se angústia: porque é livre. Não há sentido pré-estabelecido. Não há hospitalidade, nem lar: o homem é estrangeiro (e se sente assim). Contradição: o dândi *zen* protesta ateando fogo às próprias vestes.



As engrenagens começam a rodar. É a **Revolta dos Dândis** e a mesma dialética (luta de opostos) sem solução, o mesmo estrangeirismo. Se não existe hospitalidade continua a existir o caminho e Jack Kerouac avisou em *On the road*: “a estrada é a vida”.

Como beat(tle), beatnik, somos um sputnik em busca de sentido. Estar à caminho é filosofar. Já existe consciência estamos andando em círculos. Chamamos esse círculo engrenagem. A engrenagem move o sistema, a máquina que faz do artista produto que deve ser consumido pelo

Depois, o planeta completa a órbita; re-volução e tudo no mesmo lugar: com-tradições e (in)diferenças. Se fossemos iguais, tudo seria mais fácil: a perfeita simetria não existe. Concreto “concretismo”: tudo “quase” igual. Noites mal dormidas e satélites sem órbita; a conquista do espelho e a conquista do espaço em um mesmo salto... ”o homem começa a *dangerosíssima viagem de si para si*” (ver Drummond: [O homem, as viagens](#)). A serpente sente o seu próprio gosto, e... continua....



Entramos no *Túnel do Tempo*, aceleramos esses passos que ligam necessidade e liberdade, como karma, DNA... as repetições, as várias variáveis, as promessas: minas no chão. Seguimos à caminho nessa estrada, dançamos como Nietzsche: sorrindo e ironizando o próprio fado. Órfãos de utopia: na segunda-feira voltamos para a rotina (e o mundo continua igual). Perdemos a viagem? Não, somos como *Dom Quixote* e vamos *Até o fim*. As folhas caem em Porto Alegre: os frutos estão maduros?



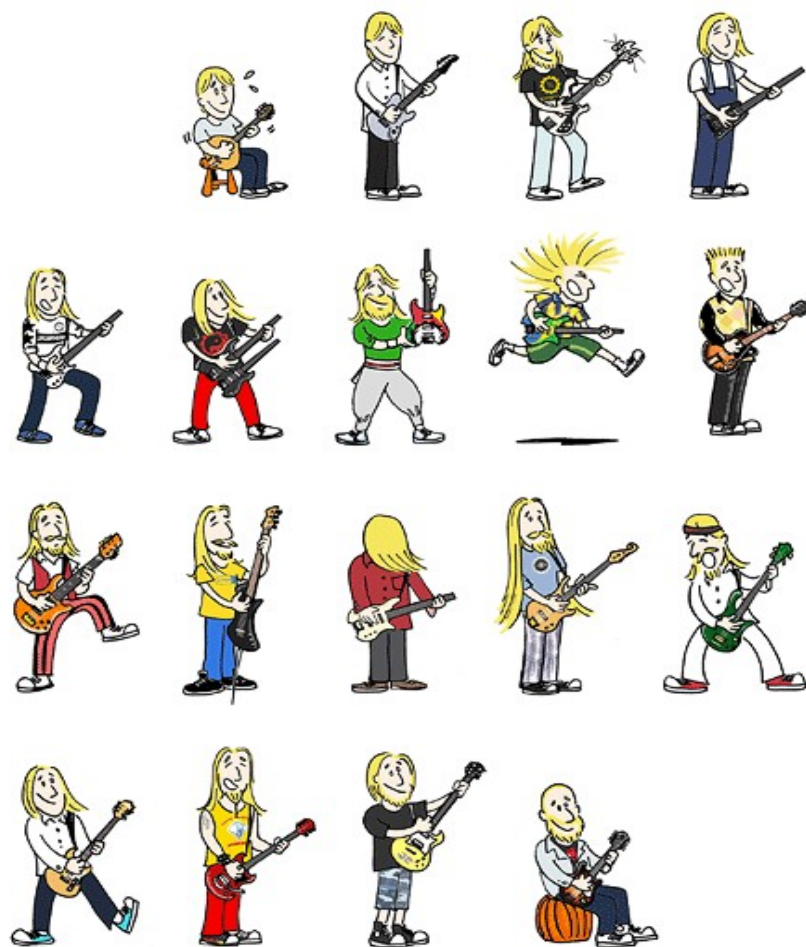
Do círculo fizemos a casa!? A viagem continua... mas, seria mais fácil fazer como todo mundo faz. Muita expectativa por “quase nada”. Não havia armas químicas. Existirão poemas? De qualquer

forma a mudança é evidente: a *engrenagem* tornou-se *mandala*. Não podemos ficar presos ao passado, olhando sempre para o mesmo lado: “*O futuro se impõe, o passado não se agüenta*”.

Novos horizontes... se não for isso, o que será?

PROCESSO EVOLUTIVO INSTRUMENTAL GESSINGERIANO

ANDREWS & BOLA



Charge de Andrews e Bola. Mais no site:
<http://www.andrewsebola.com/>

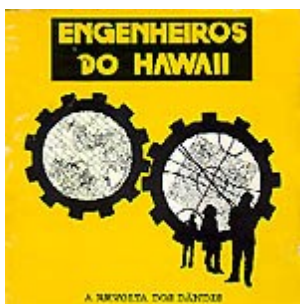
Discografia dos *Engenheiros do Hawaii*



• Longe Demais das Capitais

BMG | 1986

1. toda forma de poder
2. segurança
3. eu ligo pra você
4. nossas vidas
5. fé nenhuma
6. beijos pra torcida
7. todo mundo é uma ilha
8. longe demais das capitais
9. sweet begônia
10. nada a ver
11. crônica
12. sopa de letrinhas



• A Revolta dos Dândis

BMG | 1987

1. a revolta dos dândis I
2. terra de gigantes
3. infinita highway
4. refrão de bolero
5. filmes de guerra, canções de amor

6. a revolta dos dândis II
7. além dos outdoors
8. vozes
9. quem tem pressa não se interessa
10. desde aquele dia
11. guardas da fronteira



• **Ouça o que eu digo: não ouça ninguém**

BMG | 1988

1. ouça o que eu digo, não ouça ninguém
2. cidade em chamas
3. somos quem podemos ser
4. sob o tapete
5. ?desde quando?
6. nunca se sabe
7. a verdade a ver navios
8. tribos e tribunais
9. pra entender
10. ?quem diria?
11. variações sobre um mesmo tema



• **Alívio Imediato**

BMG | 1989

1. nau à deriva
2. alívio imediato
3. a revolta dos dândis I
4. a revolta dos dândis II
5. infinita highway

6. a verdade a ver navios
7. toda forma de poder
8. terra de gigantes
9. somos quem podemos ser
10. ouça o que eu digo, não ouça ninguém
11. longe demais das capitais
12. tribos e tribunais



• **O Papa é Pop**
BMG | 1990

1. o exército de um homem só, I
2. era um garoto que como eu, amava os beatles e os rolling stones
3. o exército de um homem só, II
4. nunca mais poder
5. pra ser sincero
6. olhos iguais aos seus
7. o papa é pop
8. a violência travestida faz seu trottoir
9. anoiteceu em porto alegre
10. ilusão de ótica
11. perfeita simetria



• **Várias Variáveis**

BMG | 1991

1. o sonho é popular
2. herdeiro da pampa pobre
3. sala vip
4. piano bar
5. ando só
6. quartos de hotel
7. várias variáveis
8. sampa no walkman
9. muros e grades
10. museu de cera
11. curta-metragem
12. descendo a serra
13. não é sempre
14. nunca é sempre



• Gessinger, Licks & Maltz

BMG | 1992

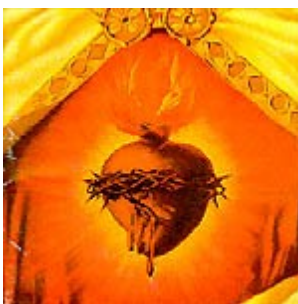
1. ninguém = ninguém
2. ?até quando você vai ficar?
3. pampa no walkman
4. túnel do tempo
5. chuva de containeres
6. pose (anos 90)
7. no inverno fica tarde + cedo
8. canibal vegetariano devora planta carnívora
9. parabólica
10. a conquista do espelho
11. problemas... sempre existiram
12. a conquista do espaço



• **Filmes de Guerra, Canções de Amor**

BMG | 1993

1. mapas do acaso
2. além dos outdoors
3. pra entender
4. ?quanto vale a vida?
5. crônica
6. pra ser sincero
7. muros & grades
8. alívio imediato
9. ando só
10. o exército de um homem só
11. às vezes nunca
12. realidade virtual



• **Simples de Coração**

BMG | 1995

1. hora do mergulho
2. a perigo
3. simples de coração
4. lance de dados
5. a promessa
6. por acaso

7. ilex paraguariensis
8. o castelo dos destinos cruzados
9. vícios de linguagem
10. algo por você
11. lado a lado



• **Humberto Gessinger Trio**

BMG | 1996

1. irradiação fóssil
2. sem você (!é foda!)
3. a onda
4. o preço
5. freud flintstone
6. vida real
7. causa mortis
8. ?pra quê?
9. de fé
10. a bola da vez
11. ela sabe
12. a ferro e fogo

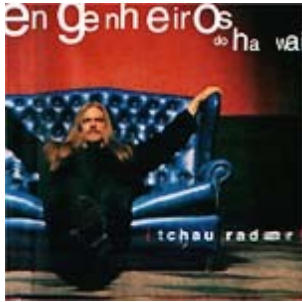


• **Minuano**

BMG | 1997

1. banco
2. a montanha
3. faz parte
4. sem problema
5. 3 minutos
6. nuvem

7. nove zero cinco um
8. deserto freezer
9. alucinação
10. a ilha não se curva
11. humano demais
12. outros tempos



• **!Tchau Radar!**

Universal | 1999

1. eu que não amo você
2. negro amor
3. concreto & asfalto
4. até mais
5. nada fácil
6. o olho do furacão
7. seguir viagem
8. 10.000 destinos
9. na real
10. 3x4
11. melhor assim
12. cruzada



• **10.000 Destinos**

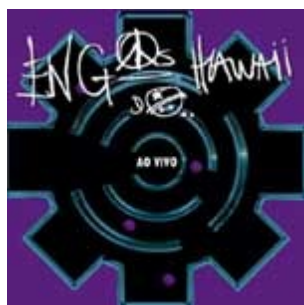
Universal | 2000

1. a montanha
2. infinita highway

3. a promessa
4. ninguém = ninguém
5. parabólica
6. toda forma de poder
7. refrão de bolero
8. somos quem podemos ser
9. pra ser sincero
10. piano bar
11. ilex paraguariensis/alívio imediato
12. terra de gigantes
13. era um garoto que como eu amava os beatles e os rolling stones
14. ouça o que eu digo, não ouça ninguém
15. o papa é pop

[bonus tracks de estúdio]

16. números
17. rádio pirata
18. novos horizontes
19. quando o carnaval chegar



• **10.001 Destinos**

Universal | 2001

CD 1

1. a montanha
2. infinita highway
3. a promessa
4. ninguém = ninguém
5. parabólica
6. toda forma de poder
7. refrão de bolero

8. somos quem podemos ser
9. pra ser sincero
10. piano bar
11. illex paraguariensis/alívio imediato
12. terra de gigantes
13. era um garoto que como eu amava os beatles e os rolling stones
14. ouça o que eu digo, não ouça ninguém
15. o papa é pop

CD 2

[bonus tracks de estúdio]

1. números
2. rádio pirata
3. novos horizontes
4. quando o carnaval chegar

[bonus tracks enghaw 2001]

5. sem você (!é foda!)
6. freud flintstone
7. eu que não amo você
8. a perigo
9. nunca se sabe
10. novos horizontes (10.001)
11. concreto e asfalto



• **Surfando Karmas & DNA**
Universal | 2002

1. surfando karmas & dna
2. terceira do plural
3. pra ficar legal
4. esportes radicais
5. nunca mais
6. nem + um dia

7. ritos de passagem
8. sei não
9. e - stória
10. datas e nomes
11. arame farpado



• **Dançando no Campo Minado**
Universal | 2003

1. camuflagem
2. duas noites no deserto
3. rota de colisão
4. dançando no campo minado
5. segunda-feira blues I
6. dom quixote
7. até o fim
8. na veia
9. fusão a frio
10. segunda-feira blues II
11. outono em porto alegre



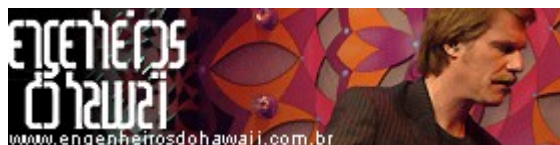
• **Acústico MTV**

Universal | 2004

1. o papa é pop
2. até o fim

3. vida real
4. até o fim
5. armas químicas e poemas
6. o preço
7. dom quixote
8. refrão de bolero
9. 3x4
10. surfando karmas & dna
11. depois de nós
12. terceira do plural
13. terra de gigantes/números
14. somos quem podemos ser
15. outras frequências
16. pose
17. a revolta dos dândis
18. era um garoto que como eu amava os *beatles* e os *rolling stones*

Sites Enghaw



:: Site Canal Engenheiros ::

Fan Club Eng Rio

:: Site Oficial EngHaw ::

:: Site Carlos Maltz ::

:: Site Andrews e Bola ::

:: Site Fanclub Enghaw ::

:: Fotolog Enghaw Nordeste ::

:: Fan Club Virtual ::

::<http://www.enghaw.net>

::<http://fcoutrasfrequencias.blogspot.com> ::

Comunidades Enghaw no Orkut

::Engenheiros do Hawaii::

:: FC EngRio ::

::Enghaw.net no orkut::

:: Lista Discussão EngHaw ::

:: EngHaws Até o Fim ::

:: Fãs EngHaw RJ ::

:: Perfeita Simetria-PS ::

:: Engenheiros - BH ::

::Comunidade no orkut, Engenheiros do Hawaii - MP3::

::Comunidade no orkut, Engenheiros do Hawaii - Videos::

Cruzando linhas: perfeita simetria e absurdo

Pensei em construir aqui uma lista de livros que supostamente apareceriam como referências em alguma das canções dos *Engenheiros do Hawaii*. Depois, ponderei: pra que serviria uma lista desse tipo? A criação artística não funciona de modo tão exato: por mais que busquemos ler as mesmas obras, a marca da serpente humana e as mudanças do tempo distorceriam nosso referencial. Mesmo o autor não costuma ter plena certeza sobre o que diz a canção, ou qual foi sua inspiração mais íntima: a intenção do autor não pode servir para aplacar a multiplicação de sentidos que a obra permite. Não é possível também desconsiderar totalmente os interesses do leitor, seus objetivos e percepção de mundo.

Sim, é um ideal tentar atingir a *perfeita simetria*. Considerar uma pessoa que a gente gosta como sendo parte da nós mesmos: uma unidade que transparece no olhar. Na tentativa de nos vermos pelos olhos das pessoas que nos amam, na certeza de que as imagens que elas têm de nós, fazem com que queiramos nos aperfeiçoar e ser melhores. Essa busca de unidade é sempre instável e inevitável. Em determinadas situações, podemos deduzir por um simples olhar algo que uma pessoa que nós é próxima estaria sentindo. No entanto, sempre podemos nos enganar buscando este tipo de “telepatia”: rimos juntos e depois nos perguntamos, “você viu aquilo?”, “não”, “então, por que estava rindo?” (...). Parece decepcionante quando isso acontece; a perfeita simetria se desfaz, mas fica

claro como é bom estarmos perto dessa pessoa e quanto a consideramos próxima.

Este absurdo é um ponto de partida inevitável. Como disse Albert Camus, “compreender é antes de tudo unificar”. Para o escritor argelino essa busca por unidade e seu constante fracasso marca o absurdo



Albert Camus

fundamental de nossas vidas: “Essa nostalgia de unidade; esse apetite do absoluto ilustra o movimento essencial do drama humano. Mas que essa nostalgia seja um fato não significa que deva ser imediatamente apaziguada. Porque, se acaso transpondo o abismo que separa o desejo da conquista (...), caímos na ridícula contradição de um espírito que afirma a unidade total e com

a própria afirmação prova a sua diferença e a diversidade que pretendia resolver. Basta esse novo círculo vicioso para sufocar as nossas esperanças”.²⁹

O absurdo está no choque constante entre o que imaginamos saber e o que realmente sabemos, entre nossos ideais e a vida real, entre a teoria e a prática, entre o real e o abstrato etc. Essa busca por total unidade é também uma tentativa de domínio completo e aparece como combustível dos filmes de guerra e das canções de amor: é um absurdo como outro qualquer... No caso dos Engenheiros do Hawaii, este ponto de partida absurdo parece ser consciente. Uma cobra que engole a própria cauda: multiplicação de analogias que constroem paradoxos (melhor dizendo, oxímoros), como “*deja vu* nunca visto”. O nome mesmo Engenheiros do

²⁹ Albert Camus em seu *Mito de Sísifo*. Veja o site: <http://filosofocamus.sites.uol.com.br/index2.htm>

Hawaii carrega uma ironia que é difícil dissipar: com levar uma banda com esse nome a sério?

E de repente é madrugada. Estamos lendo um livro de Albert Camus e parece claro: foi dali que o Humberto Gessinger se inspirou pra fazer aquela canção! Com certeza era isso que ele queria dizer. Nasce o sol e as teorias noturnas são sufocadas pelo excesso de luz: sentimos a perfeita simetria, mas ela escapou. Não era bem assim... nem tudo se encaixa: “cinco letras começando com a letra ‘a’”. É absurdo tentar ressumir tudo e acreditar que estamos completando um quebra-cabeça.

Vai ver que fizemos das canções dos Engenheiros do Hawaii companheiros de viagem e em tudo que lemos percebamos o eco dessas canções. Gessinger em entrevistas e letras deixa explícitas algumas influências/referências: Jean-Paul Sartre, Albert Camus, Pink Floyd, Bob Dylan, George Orwell, Adouls Huxley, Herman Hesse etc. Existem diversas outras citações dispersas, mas, de modo geral, temos a idéia da ênfase na responsabilidade individual de construir seu ser.³⁰ Se for assim, uma lista de livros pode ser algo bem útil: lenco você pode compreender melhor o universo do autor e tirar as suas próprias conclusões (aprender mais sobre você mesmo).

Algumas vezes, quando as coisas não estão tão claras, quando não sabemos muito bem o que estamos sentindo, uma canção surge na nossa mente e não sai... de repente, prestando atenção em sua letra, descobrimos o que na verdade sentimos. É o nosso inconsciente musical brasileiro. O inconsciente, assim, não é irracional: talvez seja algo mais próximo de

³⁰ Para quem se interessar em conhecer de modo mais profundo como essa ênfase na responsabilidade do sujeito, sustentada pelo existencialismo, se desenvolveu no pensamento filosófico atual, sugiro a leitura do artigo do professor Paulo Ghiraldelli Jr. “Transformações do Sujeito”, disponível no link: <http://www.filosofia.pro.br/modules.php?name=News&file=article&sid=41>

causas que estavam ocultas, escondidas. Uma canção pode mesmo fazer o invisível saltar aos olhos.

Companheiros de viagem, canções... e essa estrada de tentar se aperfeiçoar e fazer os outros felizes.³¹ É bom mesmo levar uns livros... Legal também é construir sua própria narrativa e saber que provavelmente não existe quebra-cabeça para resolver e o mais importante é inventar seu próprio caminho.

Para fechar com uma frase de Camus: “Os tristes têm duas razões para o ser: ignoram ou esperam”.

Feitas as ressalvas, eis a lista que não fiz (e, sim, compilei a partir de *posts* na comunidade no Orkut):

O estrangeiro, O mito de Sísifo, O homem revoltado, A peste são livros de Albert Camus que seriam inspiração fundamental de Gessinger. Assim como a poesia *beat*, que desembocou nos versos de Bob Dylan (cita-se ***On the road*** de Jack Kerouac, mas poderia ser qualquer outro título). De Adouls Huxley: ***Fogo Fátuo*** e ***As portas da Percepção***. De Jean-Paul Sartre surge na lista imensa: ***O muro, Idade da Razão, Entre Quatro Paredes, Mãos Sujas*** etc. Moacyr Scliar(1937-), escritor porto-alegrense, aparece com ***O exército de um homem só*** e ***Mês de Cães danados***. Vale falar em ***Dom Quixote*** de Miguel de Cervantes? De George Orwell, ***Revolução dos Bichos*** e ***1984***. Herman Hesse não poderia faltar: ***O Lobo da Estepe*** e ***O Jogo das Contas de Vidro*** (mas pode ler ***Sidarta*** também...).

³¹ Sobre essa busca de um caminho de auto-criação e de tentar fazer o próximo feliz veja o texto que fiz a partir uma canção do Pato Fu, “*Uh uh uh, lá lá lá, iê iê!*: felicidade paradoxal na sociedade de consumo”: <http://www.overmundo.com.br/blogs/uh-uh-uh-la-la-la-ie-ie-felicidade-paradoxal-na-sociedade-de-consumo>

De Hesse para o zen é um passo e o livro de Eugen Herrigel, *A arte cavalheiresca do arqueiro zen* seria citado na letra de *A bola da vez*. *Pergunte ao Pó* é de John Fante, assim como, *Sampa* é de Caetano Veloso. *O diário de um Sedutor* é de Sören Kirkegaard e *O segundo diário mínimo* de Umberto Eco (acho que dele vem o gosto por oxímoros, essa coisa de juntar idéias opostas). José Lins do Rego escreveu *Menino de Engenho*. Marx e Engels no *Manifesto comunista* disseram que “Tudo que é sólido desmancha no ar...”, mas foi Marshall Bermann que usou essa frase como título. *As veias abertas da América Latina* é de Eduardo Galeano e *Eles não usam Black-tie* de Gianfrancesco Guarnieri. Júlio Verne escreveu *20.000 léguas submarinas* e Ítalo Calvino *O castelo dos destinos Cruzados*. *Suave é a noite* é o nome de um livro de F. Scott Fitzgerald, assim como, *O ovo da serpente* é um filme de Ingmar Bergman (e eu, o que faço com esses títulos?). *Uma Estação no Inferno* é de Arthur Rimbaud e Jonh Gray tem um livro que se chama *Al queda e o que significa ser moderno* (ser eterno, homem-bomba?). Friedrich Nietzsche faz sucesso nas bancas de revista: *Assim falou Zaratustra*, *Humano, demasiado humano*, *Ecce Homo* etc. O russo Fiedor Dostoievski fez *Crime e castigo* e Roger Waters o Pink Floyd. *O Fio da Navalha* é de W. Somerset Maugham e [Aos que virão depois de nós](#) é de Bertold Brecht. Drummond tem [O poema das sete faces](#) e Gullar *Lição de Arquitetura*. Oscar Niemeyer tem Brasília que é como o filme *Um cão Andaluz* de Luis Buñuel e Salvador Dalí: surreal.

Marcos Carvalho Lopes (marcosclopes@gmail.com)

site: <http://sarma.cjb.net> (melhor visualizável no Windows Explorer)

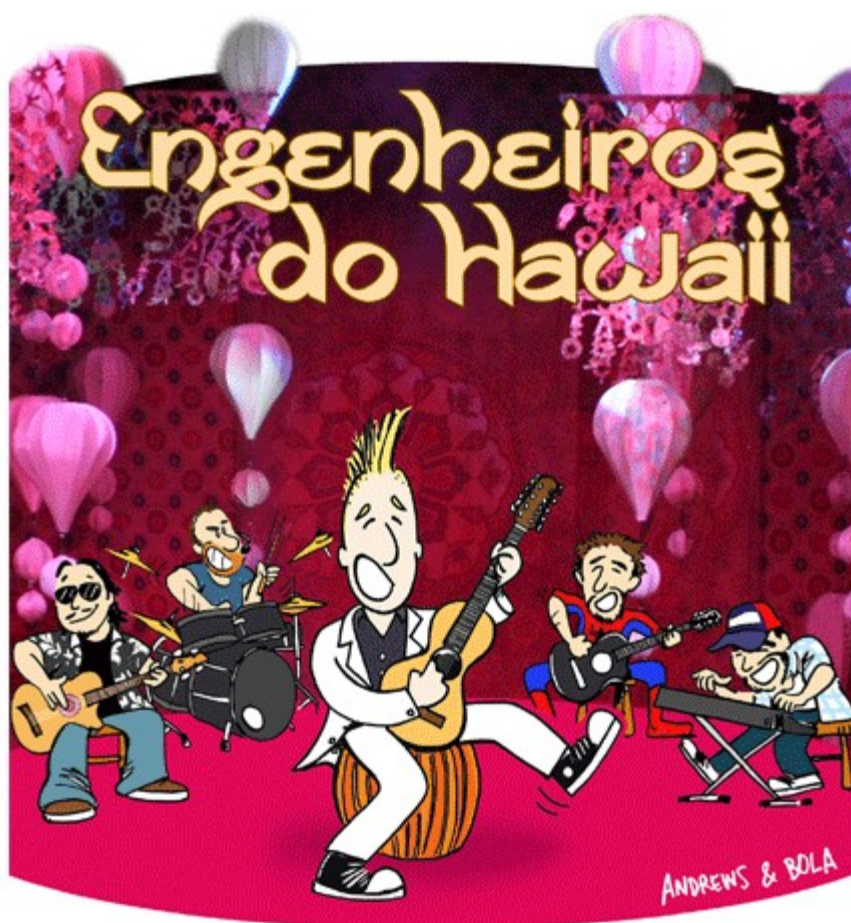
blogs:

filosofia pop <http://www.overmundo.com.br/blog/filosofia-pop>

sarma <http://sarma.zip.net>

filosofia em xeque (projeto parado sobre filosofia no vestibular) <http://vestibularfilosofia.blogspot.com/>

GTI: uma cidade imaginária <http://cidadeimaginaria.wikidot.com/>



Charge de Andrews e Bola.

Crédito de imagens

As imagens incluídas nesse PDF vieram em sua maioria da Wikimedia, possuindo direitos autorais livres ou licença que autoriza sua reprodução. A imagem das capas dos discos em geral é tomada como livres por serem utilizadas como divulgação (assim como os banners e outras imagens da banda). Agradeço a dupla Andrews & Bola que disponibilizou suas imagens para este projeto.

Engenheiros do Hawaii hoje (página 9): Divulgação/Washington Possato

Processo evolutivo instrumental gessingeriano (página 71): charge de Andrews & Bola gentilmente cedida para esse trabalho (<http://www.andrewsebola.com/>)

Não tem preço (página 21) charge de Andrews & Bola gentilmente cedida para esse trabalho (<http://www.andrewsebola.com/>)

Evangelina Carrozzo:

http://pt.wikipedia.org/wiki/Imagem:Evangelina_Carrozzo_Cumbre_12-May-06.jpg
(sob licença [Creative Commons Attribution 2.0](#))

Televisão: <http://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/f/f6/OTVbelweder-front.jpg>

Domínio público

Nosferatu: <http://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/0/09/Orlock.jpg> Domínio Público

Friedrich Nietzsche:

<http://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/2/23/Nietzsche1882.jpg> Domínio público

Antonio Gramsci: <http://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/e/e6/Gramsci.png>
domínio público

Um cão

andaluz: http://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/1/1d/Un_chien_andalou.jpg
Domínio público

Joan Baez e Bob Dylan na marcha pelos direitos civis (1963):

http://commons.wikimedia.org/wiki/Image:Joan_Baez_Bob_Dylan.jpg Domínio Público

Dom Quixote, Honoré Daumier:

http://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/3/32/Honor%C3%A9_Daumier_017.jpg Domínio público

Albert Camus (página 86):

http://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/6/6d/Camus_NYWT%26S.jpg
Domínio público

Charge Engenheiros do Hawaii (página 90)- charge de Andrews & Bola gentilmente cedida para esse trabalho (<http://www.andrewsebola.com/>)